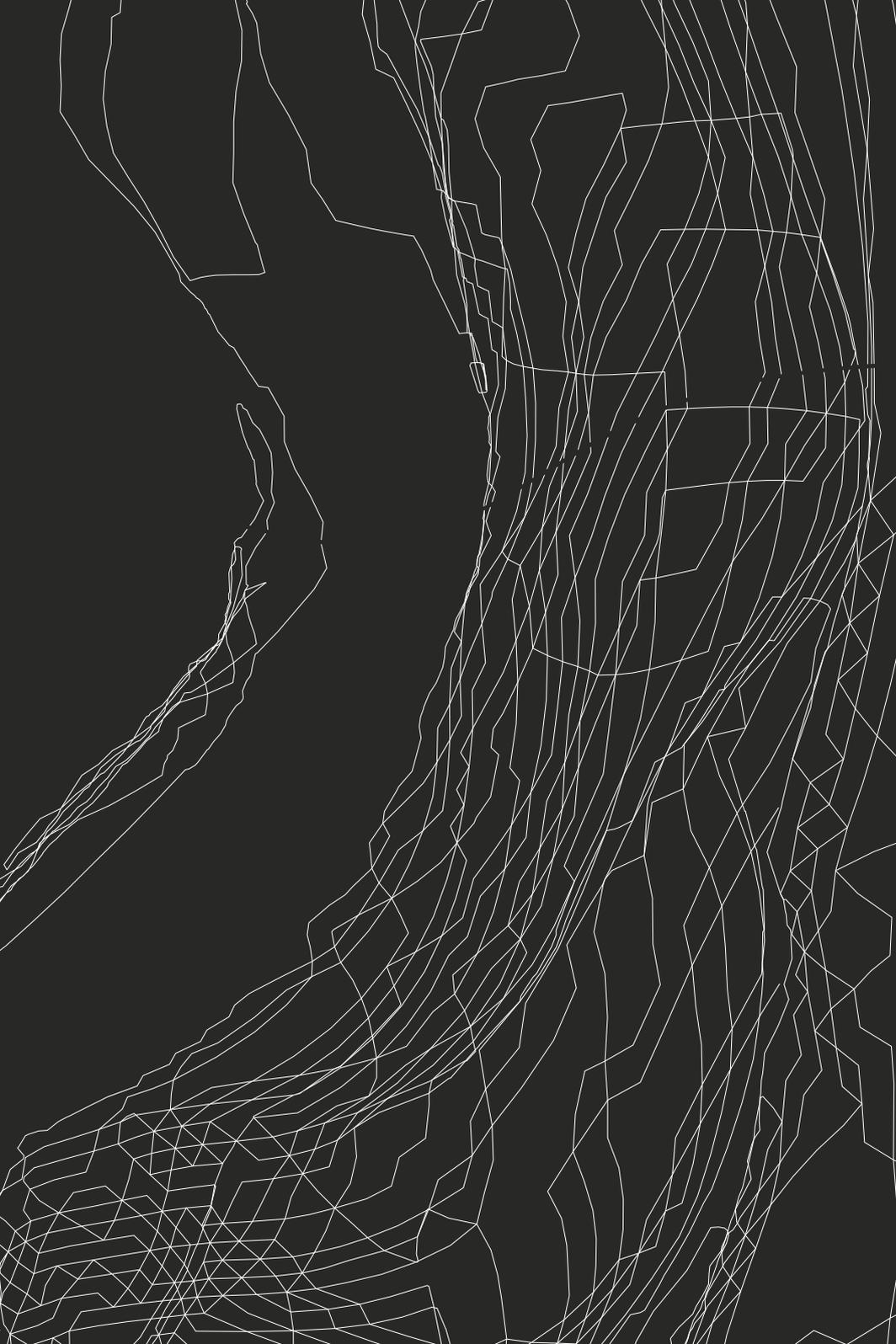


# Territórios de Criação

Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

## ESCORRE UM RIO EM MIM: POÉTICAS DE MENSTRU-AÇÕES

Williana Silva







# Territórios de Criação

Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

## ESCORRE UM RIO EM MIM: POÉTICAS DE MENSTRU-AÇÕES

Williana Silva

1ª edição | Fortaleza - CE | 2025



Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recurso da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022)



# Universidade Estadual do Ceará (Uece)

## **REITOR**

Hidelbrando dos Santos Soares

## **VICE-REITOR**

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

## **EDITORA DA UECE**

Cleudene de Oliveira Aragão

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Costa Pereira

Ana Cristina de Moraes

André Lima Sousa

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior

Daniele Alves Ferreira

Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão

Heraldo Simões Ferreira

Jamili Silva Fialho

Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro

Paula Bittencourt Vago

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

Sarah Maria Forte Diogo

Vicente Thiago Freire Brazil



# Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult CE)

## **GOVERNADOR DO CEARÁ**

Elmano de Freitas da Costa

## **VICE-GOVERNADORA DO CEARÁ**

Jade Afonso Romero

## **SECRETÁRIA DA CULTURA**

Luisa Cela de Arruda Coelho

## **SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA**

Rafael Cordeiro Felismino

## **SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA DA CULTURA**

Geciola Fonseca Torres

## **COORDENADORIA DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA**

Ernesto de Sousa Gadelha Costa

## **EQUIPE DA COORDENADORIA DE CONHECIMENTO E FORMAÇÃO**

Adson Rodrigo Silva Pinheiro

Francisca Maura Isidório

Indira Marcondes Arruda

Jessé Albino Santana

Keila Giullianna Braga Reis

Kilviany Pereira de Sousa

Maria Janete Venâncio Pinheiro

Nílbio Thé

Raquel Lopes da Silva

Tainá Oliveira Silva Santos



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do  
Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo  
(Lei Complementar n. 195/2022)



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIAO E SEGURANCA

# Gestão do Programa Territórios de Criação

## Mercúrio - Gestão, Produção e Ações Colaborativas e Casa das POC Produções Criativas

### COORDENAÇÃO DAS AÇÕES

Camila Guerra  
Nádia Sousa  
Thyago Ribeiro

### PRODUÇÃO

Ana Vieira  
Gabriel de Sousa  
Lorena Soares  
Victor Hugo Leite

### COMUNICAÇÃO

Angélica Maia  
Carlos Weiber  
Cris Maciel  
Lucas Benedecti



© Copyright das(es) autoras(es).

1ª edição. 2025.

Direitos reservados desta edição:

Mercúrio Gestão, Produção e Ações Colaborativas

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

### **Coordenação editorial EdUECE**

Cleudene Aragão e Nayana Pessoa

### **Curadoria da coleção**

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho, Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira,

Prof. Dr. Márcio Mattos Aragão Madeira, Profa. Dra. Renata Aparecida Felinto

dos Santos e Profa. Dra. Tércia Montenegro Lemos

### **Coordenação executiva Territórios de Criação**

Camila Guerra, Nádia Sousa e Thyago Ribeiro

### **Preparação e revisão**

Mayara Gomes de Freitas

### **Projeto gráfico e diagramação**

Carlos Weiber

### **Diagramação**

Felipe Braga

Bibliotecária: Meirilane Santos de Moraes Bastos CRB-3/785

S586e Silva, Williana

Escorre um rio em mim [recurso eletrônico]: poéticas de  
mestru-ações / Williana Silva. - Fortaleza, CE: Editora da Uece,  
2025. (Coleção Territórios de Criação; 19).  
PDF.

Inclui referências bibliográficas.  
ISBN: 978-65-83910-48-6

1. Poética autobiográfica. I. Título. II. Série.

CDD: B869.09

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi Reitoria

– Fortaleza – Ceará. Cep 60714-903

Tel: (085) 3101-9893 [www.uece.br/eduece](http://www.uece.br/eduece) [eduece@uece.br](mailto:eduece@uece.br)



Dedico esse trabalho a minha mãe, Maria  
Lucia, mulher guerreira que me ensina  
sobre desenhar uma vida bonita.



# Territórios de Criação: pesquisa e produção de conhecimento no campo das artes

Com grande diversidade de temas e propostas, a Coleção Territórios de Criação evidencia uma rica pluralidade de perspectivas epistêmicas. Essa produção é atravessada pela experiência dos agentes culturais e enriquecida pela troca de vivências no campo cultural. Tanto a produção acadêmica, como as diversas formulações aqui elaboradas ressignificam as práticas culturais e artísticas, em processo de mútua transformação.

Abrangendo pesquisas em áreas como fotografia, cinema contemporâneo, performance, patrimônio, dança, dramaturgia, arte urbana, artes gráficas, carnaval, o movimento junino e literatura marginal, a coleção reflete a profusão do pensamento e conhecimento formulados a partir dessas expressões culturais. Todos esses campos são atravessados por diálogos com o pensamento feminista, questões de ancestralidade e interseccionalidades, como gênero, sexualidade, raça e etnia. As contribuições vêm de diferentes municípios cearenses, como Crato, Juazeiro, Barbalha, Iguatu, Senador Pompeu, Itapipoca e Fortaleza.

O resultado é este panorama rico e multifacetado de perspectivas e sensibilidades, de olhares e sensibilidades que inundam o nosso campo cultural com o conhecimento produzido pelos pesquisadores selecionados no edital Territórios de Criação,

aos quais agradecemos desde já o interesse nessa partilha, que aqui se materializa em parceria com a Universidade Estadual do Ceará, por meio da EdUece.

Financiado com recursos federais oriundos da Lei Paulo Gustavo, este projeto integra uma série de importantes iniciativas de fomento realizadas pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Esta ação fortalece a pesquisa e a produção cultural no Ceará, conectando o estado ao restante do Brasil e do mundo.

A intenção é transformar essas iniciativas em uma ação contínua para que, periodicamente, um grupo diversificado de pesquisadores e pesquisadoras dos municípios cearenses tenha suas publicações financiadas e disponibilizadas nas bibliotecas. Além disso, esta política, ao estimular a visibilidade dessa produção local, contribui para a inserção de nossos agentes culturais em circuitos acadêmico-científicos, oportunizando momentos de troca de experiências e difusão de saberes gestados a partir de dinâmicas da cultura cearense.

Viabilizar e implementar estas ações e estratégias é uma grande satisfação para a Secult Ceará. Isso só é possível graças à confiança e ao engajamento dos pesquisadores e pesquisadoras que apostam nos projetos e parcerias, comprometidos com a execução e sucesso desta política de publicações. Com isso, estamos valorizando cada vez mais a cultura cearense e o trabalho destes atores, destacando a importância da pesquisa, da reflexão e de novas ideias para o setor cultural.

Valorizar a pesquisa e a reflexão sobre o campo da cultura no Ceará é reconhecer a relevância da qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras da cultura. Esses profissionais desempe-

nham um papel crucial para a reverberação das políticas públicas e, conseqüentemente, para o fortalecimento dos territórios, promovendo suas respectivas identidades e singularidades.

Ao investir nessas políticas, o Governo do Ceará não apenas impulsiona a cultura e as artes, mas também contribui para posicionar o estado como referência nacional na produção de conhecimento e assegurando um acesso mais democrático ao conhecimento acadêmico em torno da cultura e das políticas culturais.

Luisa Cela de Arruda Coelho  
*Secretária da Cultura do Ceará*



## Difundindo conhecimento no campo das artes e da cultura

A formação em arte e cultura tem se revelado como um pilar de crescente relevância na política cultural do Ceará, estabelecendo-se, ao longo do tempo, como um dos eixos fundamentais dessa estratégia. A criação de programas governamentais direcionados nos planos plurianuais 2020-2023 e 2024-2027, com enfoque no desenvolvimento do conhecimento, na formação, no livro e na leitura, constitui um testemunho eloquente deste fenômeno. Em paralelo, a expansão e descentralização de programas e ações formativas, impulsionadas pela Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais do Estado do Ceará (RECE) e por editais específicos destinados a tal finalidade, conferem uma materialidade palpável a esse processo em curso.

À medida que a política de formação artística e cultural adquiriu relevância e maior escala, vislumbrou-se a necessidade de multiplicar ações e estratégias que ampliassem sua abrangência, entre as quais se destaca a promoção do acesso ao conhecimento produzido no âmbito do campo cultural. Com esse intuito, a Secult e a EdUece uniram esforços para propor a criação do selo Arte, Cultura e Conhecimento, uma linha editorial destinada a difundir saberes e práticas gerados em torno das artes e da cultura. Essa iniciativa valoriza a pesquisa e a construção do conhecimento sobre as dinâmicas que perpassam e constituem esse campo, com especial atenção ao contexto do nosso estado.

A presente coleção se alinha a um dos propósitos fundamentais do selo Arte, Cultura e Conhecimento, que visa disseminar, para além dos muros e repositórios acadêmicos, a produção intelectual que se configura em torno de temas e questões pertinentes ao setor artístico-cultural. De um lado, essa iniciativa busca contribuir para a democratização do acesso a tais conteúdos, favorecendo sua apropriação e instrumentalização por agentes culturais. De outro lado, almeja que essa produção epistêmica infiltre-se nas dinâmicas culturais, concorrendo para qualificar ainda mais os diversos agenciamentos estéticos, poéticos, produtivos e formativos, bem como as esferas políticas que os permeiam.

Marcada, simultaneamente, pela multiplicidade temática e singularidade das propostas autorais, a coleção Territórios de Criação apresenta um rico panorama de investigações realizadas por agentes que tornam suas práticas artístico-culturais porosas a formulações acadêmicas e vice-versa. Evidencia, dessa forma, a potência de pesquisas nutridas pelas vivências pessoais e experiências construídas em distintos contextos, apontando para um processo de retroalimentação entre fazeres do campo cultural e da academia. Nessa tessitura, expressões e linguagens culturais emergem, imbuídas de um pensamento que, de modo entrecruzado, contemporâneo e ancestral, entrelaça-se às problematizações que dialogam com elementos interseccionais como gênero, sexualidade, raça e etnia.

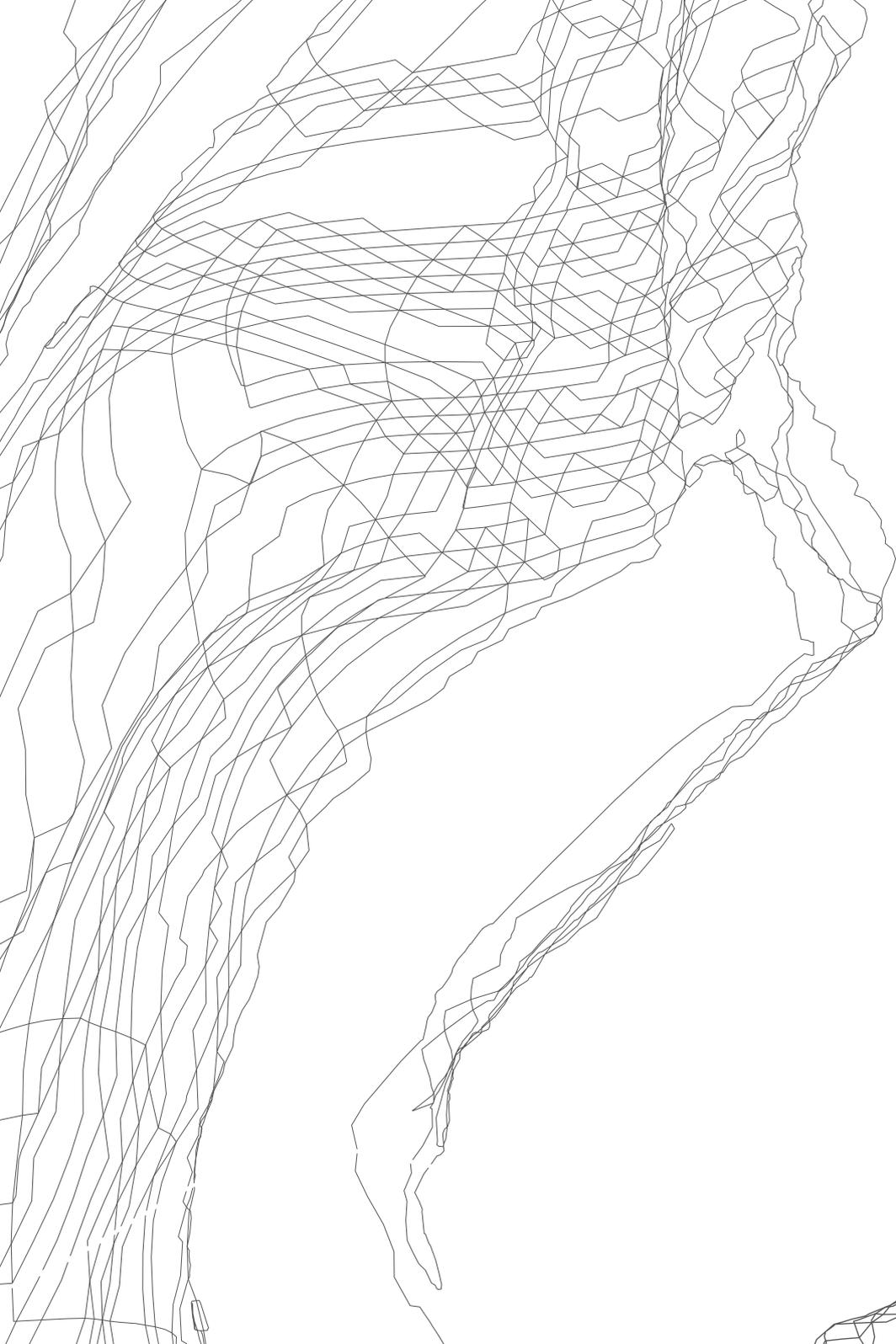
Esperamos, com a publicação da Coleção Territórios de Criação, estar dando mais um importante passo na direção do fortalecimento, ampliação e descentralização das ações

voltadas para a promoção do conhecimento e da formação em arte e cultura. Ao mesmo tempo, desejamos que a riqueza da produção epistêmica presente em seus volumes possa derramar-se sobre o campo cultural como a água que irriga e o adubo que fertiliza, reverberando nos agentes, em seus saberes, fazeres e agenciamentos. Em última instância, trata-se de uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento, compartilhar sentidos, provocar o pensamento, movimentar a cultura.

Desejo a todas e todos uma excelente leitura!

Ernesto Gadelha

*Coordenador da Coordenadoria de Formação,  
Livro e Leitura da Secult Ceará*





## Sumário

21 Prefácio

23 Início de um ciclo poético

37 Escorre um rio em mim

85 Travessia

121 Transbordar em frestas

175 Referências

O CORPO  
POR SI SÓ  
É UM  
MUNDO



## PREFÁCIO

Williana sangra...

Recolhe o sangue da sua menstruação e da esfera do tabu. Sangra por fluídos de liberdade entre pessoas, independente de gênero, crença ou raça. Enfrenta o sexismo e escreve, poeticamente, sobre MENTRU-AÇÕES, entrelaçando matéria, memória e conceito, em um ativismo e uma estética feminista na América Latina. Consta, em sua obra, as questões do corpo e coloca, de forma transparente, a discussão sobre as violências, o colonialismo, a misoginia, na busca de uma ressignificação, entre palavras e imagens Ecoadas na sua dissertação de Mestrado, defendida, em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV na Escola de Belas Artes EBA, Universidade Federal da Bahia – UFBA, a qual tive o prazer de orientar.

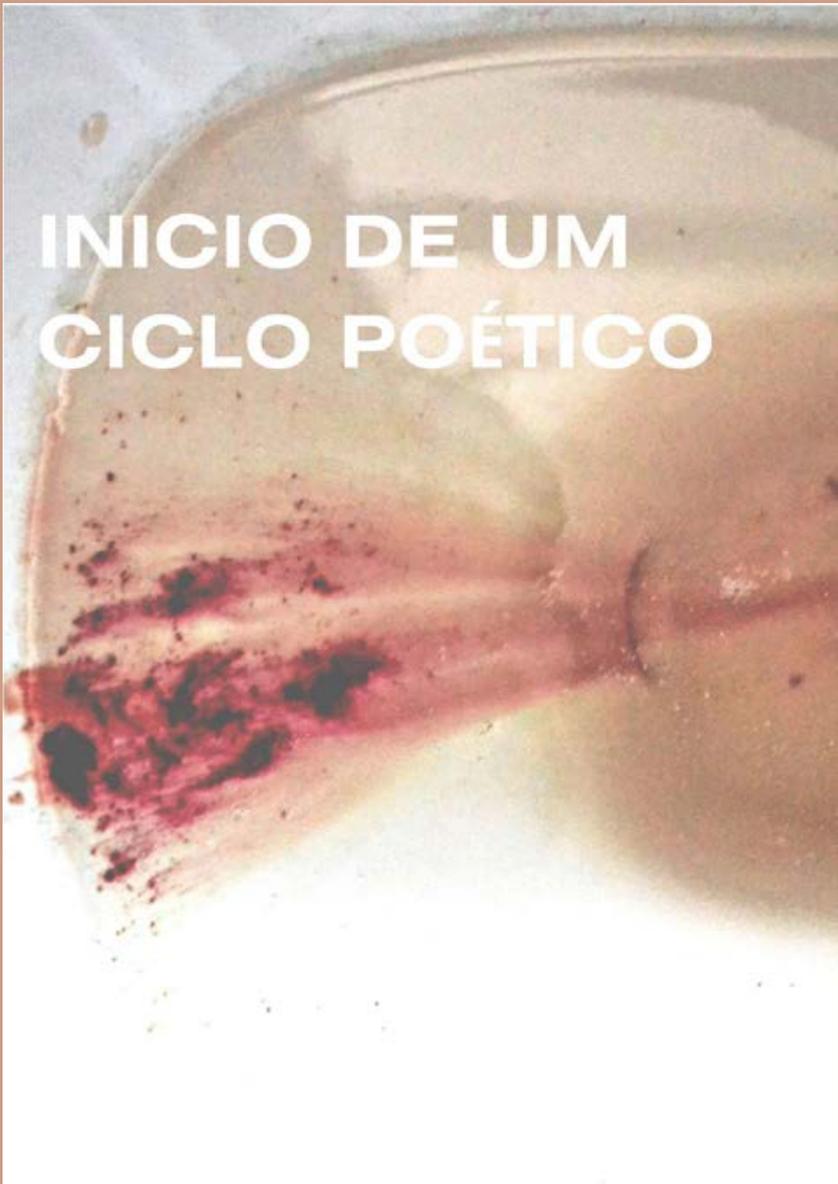
Sim, corre um rio de sangue em Williana da Silva Maciel, em que ela se lambuza na busca incansável pela igualdade, criando frestas e conexões entre arte, memória, cura e saberes ancestrais que a tocam, denunciando, por meio de suas obras artísticas, injustiças contra a mulher. Mas não se pode esquecer que o sangue feminino, em sua origem, perpassa desde os atributos místicos até os saberes ancestrais repletos de significados simbólicos, e ela sabe disso.

Fico feliz que a sua pesquisa sangra agora em outros Territórios de Criação, contemplada com este livro por meio do programa de publicação de pesquisas.

Fica o desejo de que o seu rio vermelho continue correndo em outras margens, abrindo outros ciclos em um transbordar liberto pela arte.

Viga Gordilho

Artista visual e Profa. Dra. PPGAV - EBA - UFBA

A photograph of a glass plate, possibly a microscope slide, with a prominent red, smudged stain. The stain is irregular and appears to be made of a thick, dark red substance, possibly paint or ink, smeared across the surface. The background of the plate is a light, yellowish-tan color. The text is overlaid on the upper left portion of the image.

**INICIO DE UM  
CICLO POÉTICO**

**Início de um ciclo:** lembrança, respeito, memória e, acima de tudo, uma cartografia de cura para conhecer esse corpo/poema que é ser mulher cisgênero. O corpo por si só é um mundo, como escrevi na epígrafe desta introdução. A arte chega à minha vida como o doce e venenoso calor do trópico do Equador. Sangro porque estou viva, quem tem útero tem fluxo e quem tem vagina vive o escoamento da ciclicidade. A imagem da menina que não tomava suco de caju por pensar que o caju era fonte não só de ferro, mas também de aço, e que, anos depois, graças à menarca<sup>1</sup>, descobriu a presença deste mesmo ferro no próprio sangue. Expelir, expurgar, expulsar mensalmente uma estação de glóbulos, alargando e fazendo abrigo nas linhas da juventude. A menarca, tempos de vergonha e tabu. Um dos momentos mais lúcidos da vida de uma adolescente - olhei com mais atenção o desenho que se formava na calcinha e, ao gritar por minha mãe, deixei o tempo de descoberta suspenso nas batidas afetadas da memória e do meu coração sangrando.

---

<sup>1</sup> Nome dado à primeira menstruação, geralmente ocorre entre os 10 e 14 anos de idade.

# menstruAÇÃO

Palavra difícil de ser pronunciada. Felicitações de familiares! “Parabéns, você virou mocinha!” “Cuidado, atenção, esconde o absorvente quando estiver próximo de outras pessoas, tenha higiene.” “Dói, às vezes...”. Metamorfoseando cruzamentos entre a dor e o viver, a agonia e o prazer, quando as pernas chegavam a balançar e entre elas corria um rio vermelho, depois do grande silêncio e das catástrofes impressas e anunciadas, neste fluxo de ideias, vivenciei a primeira menstruação, aos 12 anos, escutando, também, outras inúmeras crenças cearenses: “- a primeira vez que uma mulher menstruar ela tem que engolir três caroços de pimenta do reino para a regra vir apenas três dias”. Engoli, tomei chá de camomila, botei os pés em uma bacia na água quente, usei compressas e mais compressas...

Assim, conhecimentos populares cearenses foram-me apresentados pela família em Juazeiro do Norte, metrópole da Chapada do Araripe, cidade na qual vivi boa parte da vida. Aprender

é também revisitar a história e as memórias dos lugares ao qual pertencemos. Trago, nessas vertentes, o infinitivo de dois verbos: *sangrar*, verbo intransitivo, deriva de um curso, líquido expelido pela vagina, esse impressionante órgão que se faz performativo como fluxo de vida, e *menstruar*, ato de transformação biológica, mas também cultural social e psíquica. “Pela vagina escorrem vivências múltiplas...” - disse-me uma vez a menstruação, “...Algumas partidas e outras chegadas...”.

Trago as palavras “escorre”, “rio” e “mim” para o título do trabalho, pois elas representam passagens, aberturas, trânsitos, buracos, correntezas, transições, lugares de onde se pode olhar. É o que está posto e o que pode ser revelado para além das vendas, fendas e emendas. É o rasgo e é a brecha dessa existência poética, que se desenha a partir da ciclicidade do mundo. Menstruar é criar frestas no corpo, é abrir caminhos, é reinventar o oco e saber que algo inimaginável pode ser criado.

Sangro por entre as pernas e deixo escorrer neste livro palavras em fluxos e refluxos, em poéticas menstruais/visuais. Fico imaginando, ao longo dessas reflexões, como o corpo feminino, na história da humanidade, foi oprimido por toda uma cultura violenta, repressiva e repleta de tabus. Na qualidade de mulher/artista/educadora/pesquisadora, procurei, no âmbito prático e teórico das artes visuais, fomentar discussões e reflexões acerca do corpo feminino. Venho desempenhando este trabalho desde a graduação em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri-URCA, em que escrevi o meu TCC, sob o título “Poéticas menstruais: transbordando fluxos e desordenando narrativas visuais.”. Esse trabalho de conclusão de curso ampliou perguntas e investigações em termos de pesquisa e poética, desmembrando-se neste livro que tem como objetivo principal investigar como o sangue menstrual se constitui como matéria/material para a produção de um ativismo dentro da arte contemporânea. Busco pensar as relações entre arte e política, imbuídas, principalmente, nas questões que envolvem a política do corpo e das mulheres.

Considerando que o corpo existe em ciclicidade singular e a menstruação acontece aqui como ação visual, esta é só mais uma dos diversos momentos e fases do corpo de estar no mundo. Falo, assim, do corpo aqui como um lugar político e estético onde as relações étnicas, sociais, sexuais e de gênero são de suma importância para entendermos de qual lugar e de qual corpo-menstruante estamos a falar. Buscando uma melhor conceituação, apresento algumas obras de artistas contemporâneas que tiveram seus trabalhos, em algum momento, atravessados e impressos por sangue menstrual. Aciono também o poder da fala e da produção de mulheres que buscam o rompimento das estéticas canônicas e da hegemonia da história da arte, trazendo alguns questionamentos: Qual a relação do sangue menstrual com a arte? Existe uma arte menstrual? Essa é uma das grandes questões que perpassa toda esta escrita, a qual denomino costura poética, por justamente bordar com a linha os meus tecidos e costurar ações de outras artistas e de algumas filósofas. Busco dialogar, assim, com algumas produções de mulheres que estão pensando ou pensaram em algum mo-

mento de suas vidas sobre a relação de corpo, sangue menstrual e produção artística, como é o caso de María Evelia Marmolejo (Colômbia), Maria Eugênia Matricardi (Brasil), Carina Úbeda (Chile), EffyMia (Argentina), Ana Mendieta (Cuba), *Colectivo Mujeres Creando* (Bolívia).

As transformações cíclicas que ocorrem no útero são derivadas das mudanças hormonais que os corpos que têm útero sofrem mensalmente. Nessa perspectiva, estruturei esse trabalho entrelaçando também aspectos da biologia, da ancestralidade e da arte, pensando os capítulos como fases cíclicas da natureza. As fases dos ciclos são constituídas em um movimento de três capítulos: *Escorre um rio em mim*, *Travessia* e *Transbordar em frestas*, sendo cada fase responsável por mudanças e atravessamentos específicos no corpo e na pesquisa. “Escorre um rio em mim” é a primeira fase do ciclo, é quando deixo fluir para ser, é quando se inicia o primeiro dia da menstruação. Cientificamente, essa fase é conhecida como fase folicular, quando há o aumento dos níveis de estrogênio e quando o cérebro estimula e aumenta a produção do hor-

mônio folículo-estimulante (FSH), hormônio responsável por fazer os ovários amadurecerem seus óvulos. Nessa fase, crio uma analogia com o início do ciclo, refletindo a construção e a formação do feminismo na América Latina. Essa fundamentação é vital para o aprofundamento dessa investigação, pois as mulheres tiveram grande importância política/social/cultural, no século XX, nos países latinos em geral, nos quais fomos violentadas durante séculos por colonizações severas e ditaduras carrascas. Falamos a língua do colonizador e recriamos outras histórias de visibilidade e protagonismo, o que me conduziu a uma pesquisa bibliográfica de autoras do feminismo decolonial, como Ochy Curiel (1963), Julieta Paredes (1967), Julia Antivilo (1974), Yuderkys Miñoso (s. d.), Rita Segato (1951), dentre outras. A história do patriarcado acompanha a história do ocidente, viajou por mares, consolidando violências de gênero, sexuais e étnicas. A expansão do feminismo latino-americano surgiu por volta dos anos 60, atingindo e modificando várias estruturas em países que fazem parte da periferia do mundo. Antes disso, várias conquistas já tinham sido

consolidadas, como a participação na política e o direito ao voto, a liberdade dos corpos, as questões de natalidade e os métodos contraceptivos. Destarte, podemos salientar que, apesar de várias conquistas, vive-se também um momento de ascensão das ditaduras militares e a extinção de liberdades partidárias e artísticas. A censura foi instalada, e muitas mulheres ainda gritavam e denunciavam as atrocidades cometidas por esses governos. O feminismo em si é um corpo político que busca emancipações na vida das mulheres e mobiliza ações para a construção de uma sociedade pautada em um bem-estar coletivo e social.

No segundo capítulo, *Travessia*, trago o ato ou ação de atravessar algo. É o permitir escorrer para atravessar momentos e memórias. Nessa fase da escrita, busquei atravessar a fase ovulatória, que ocorre logo depois que a menstruação acaba, quando os óvulos viajam, por meio das trompas, até o útero. Nessa fase, o útero está pronto para ser fecundado. Trago o processo como criadora de imagens, já escorri pelo útero latino e agora fecundo construções artís-

ticas dissidentes. Apresento, assim, uma série de trabalhos da primeira exposição individual *Ecoa em nós* (2020), que foi gestada no período da pandemia da covid-19, quando a produção visual no mundo contemporâneo passou por uma série de modificações, contrapondo, muitas vezes, os modelos tradicionais de produzir arte. Com isso, percebemos uma série de hibridizações entre as linguagens e técnicas artísticas, que, seguramente, estão ecoadas na minha produção. O corpo virou suporte ou a própria obra em si. Os materiais passaram a ser qualquer coisa, desde que tal coisa tenha, para mim, significado, ou seja, qualquer coisa retirada do seu lugar comum de uso. Também percebi, neste período, que muitas mulheres artistas começaram a produzir obras que falam sobre o cotidiano, violências, corpos, sexualidades, gênero, tabus, entre outros.

Com esse olhar, os discursos que as obras assumiram me revelaram a presença das múltiplas formas de existência do que é ser mulher: mulher negra, mulher branca, mulher indígena, mulher amarela, mulher cis, mulher trans, mu-

lher travesti, mulher pobre, mulher rica, mulheres que em suma são plurais e percebem e são afetadas diferentemente pela condição social/cultural que ocupam. Se a mulher sempre foi considerada o outro, ela agora é protagonista, manifestando a presença feminina ativa que produz outros discursos e representatividades, presença essencial para a construção de uma arte não machista, não colonial, não racista e não sexista. Tramei, nessa perspectiva, o útero do mundo, conhecido pelo nome de América Latina, a possibilidade latente de movimentações artísticas a partir de matérias não convencionais, como o sangue menstrual.

A última fase, *Transbordar em frestas*, em analogia com a fase lútea, que acontece, biologicamente, entre a ovulação e o início da menstruação, que é quando o corpo se prepara para a fecundação do óvulo, através da produção de progesterona em grande quantidade para continuar preparando o revestimento do útero para uma possível gestação. Sabe-se que quando não fecundado, os níveis de progesterona e estrogênio vão diminuindo, fazendo com que

o revestimento do útero seja eliminado, dando início à menstruação. A fecundação, nessa fase, traz outra analogia com a produção final dessa pesquisa, que fecundou o projeto *Transbordar em frestas* – exposição que foi o resultado do processo final gestado ao longo do mestrado. A referida mostra aconteceu no Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB/Cariri em 2023.

Finalizando essa Introdução, registro que expeli sangue enquanto expelia arte, pois a arte contemporânea me permitiu uma hibridização e um rompimento de fronteiras em relação aos modos de produção artística por meio de materiais e suportes não convencionais ou de *poíesis* dissidentes.

Acredito, assim, que o vermelho vivo caminha nas veias da América Latina, e é nesse mergulho cromático destemido que trouxe também para discussão as relações entre arte e política e as possibilidades de formação/construção do ativismo/artivismo no século XX e XXI.

Com esse pensamento, trago, nas reflexões finais, a possibilidade do início de outro ciclo, movendo-me por meio de imagens e costurando outras possíveis formas de viver e habitar na memória menstrual.



**ESCORRE  
UM RIO EM  
MIM**



## Aviso da Lua Que Menstrua

Opções

Moço, cuidado com ela!

Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...

Imagine uma cachoeira às avessas:

cada ato que faz, o corpo confessa.

Cuidado, moço,

às vezes parece erva, parece hera.

Cuidado com essa gente que gera.

Essa gente que se metamorfoseia.

Metade legível, metade sereia.

Barriga cresce, explode humanidades.

E ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar,

mas é outro lugar, aí é que está:

cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita...

Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente

que vai cair no mesmo planeta panela.

Cuidado com cada letra que manda pra ela!

Tá acostumada a viver por dentro,

transforma fato em elemento.

A tudo refoga, ferve, frita.

Ainda sangra tudo no próximo mês.

Cuidado moço, quando cê pensa que escapou,

é que chegou a sua vez!

Porque sou muito sua amiga.

É que tô falando na «vera».

Conheço cada uma, além de ser uma delas.

Você que saiu da fresta dela.

Delicada força quando voltar a ela.

Não vá sem ser convidado

ou sem os devidos cortejos...

Às vezes, pela ponte de um beijo,

já se alcança a “cidade secreta”:

a Atlântida perdida.

Outras vezes, várias metidas e mais se afasta dela.

Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas,

cai na condição de ser displicente

diante da própria serpente.

Ela é uma cobra de avental.

Não despreze a meditação doméstica.

É da poeira do cotidiano

que a mulher extrai, filosofando,

cozinhando, costurando, e você chega com mão no bolso

julgando a arte do almoço: eca!...  
Você que não sabe onde está sua cueca?  
Ah, meu cão desejado.  
Tão preocupado em rosnar, ladrar e latir.  
Então esquece de morder devagar.  
Esquece de saber curtir, dividir.  
E aí, quando quer agredir,  
chama de vaca e galinha.  
São duas dignas vizinhas do mundo daqui!  
O que você tem pra falar de vaca?  
O que você tem eu vou dizer e não se queixe:  
Vaca é sua mãe de leite.  
Vaca e galinha...  
Ora, não ofende. Enaltece, elogia:  
comparando rainha com rainha,  
Óvulo, ovo e leite.  
Pensando que está agredindo.  
Que tá falando palavrão imundo.  
Tá, não, homem.  
Tá citando o princípio do mundo!

Elisa Lucinda

“Nada vai mudar – nada nunca vai mudar – a mulher é uma construção.”

Angélica Freitas

Às vezes, é preciso morrer para florescer. Escrevo porque morri e quis ser aquilo que não era. Escrevo para curar-me das doenças que carrego há gerações. Começar esse ciclo foi encarar as ruínas que existem dentro do meu próprio corpo, foi sentir os distanciamentos e as aproximações que tive nos últimos tempos. Foi pensar na sabedoria das nossas mulheres mais velhas, resgatando a bruxa anciã que existe em mim, tratei também de saudar as ancestrais e tudo aquilo que me faz viva e me movimenta, como referenciam Elisa Lucinda e Angélica Freitas, pensadoras que escolhi para abrirem este segundo capítulo.

Recentemente, tive um diagnóstico de endometriose e de cistos nos ovários, e isso me levou à ação de criar costurando histórias e fabulando outras formas de existir. Nunca fui amiga do meu útero e nem dos meus ovários, acreditei, por muito tempo, que isso poderia ser uma punição divina. Sempre senti tantas dores, as pernas bambeavam e as pontadas que sentia me faziam ficar em posição fetal. Menstruar a primeira vez foi um começo de um ciclo de terror, tudo incomodava e nada estava bem. Cheguei à conclusão que a dor também cria movências, e foi, nesse mo-

vimento sinuoso, que me conectei com a menina que fui, respeitando a mulher que sou agora, entendendo que amadurecer faz parte do ciclo comum da vida. É como semear uma planta e criar uma grande copa de árvore. Há muitas raízes, e foi respeitando essas raízes que percebi as mulheres que sempre estiveram ao meu lado. Vó, mãe, tias, cunhada, sobrinhas e amigas. Foram essas mulheres que me acompanham na vida, que fizeram do meu corpo esse caule memorável.

Assim, esticando um cordão simbólico das entranhas, percebi que todas as mulheres da família tiveram alguma doença relacionada aos úteros e aos ovários. Algumas delas nem possuem mais esses órgãos. Parte do corpo se exilou em um futuro fictício. Há um oco e um eco caminhando conosco há gerações. Somos uma família inter-racial, vivendo no interior do Ceará, em Juazeiro do Norte, como já referenciei, cidade esta constituída por migrantes que vieram de outras partes do Nordeste, saudando a fé e buscando escapar da pobreza e da fome. Trazer um pouco da minha história, nesse livro, é falar da história de muitas pessoas que vivem assim. Não há como refletir sobre minha vida como artista visual sem falar do percurso histórico que compõe as congruências que sou como mulher, branca, pobre, latino-americana, nordestina e interiorana.

Nesse sentido, criei essa pesquisa para me manter viva. Costurei para lembrar dos rios que não secaram. Tecí em linhas as entranhas de mágoas e fertilidades. Cresci poesia, morri visua-

lidade, germinei com o sangue que corre entre minhas pernas e ascendi às performatividades interioranas à luz dos vagalumes. Não sei o que o sangue menstrual significa para mim, mas o sinto como uma faísca forte, como sagrado e profano. Ele é rito e é tabu, é euforia, e melancolia, e, acima de tudo, tornou-se para mim o material/materialidade de criação artística. Foi com o sangue menstrual que movi meus processos de criação, foi com ele que construí poéticas de transbordamento e de tensionamentos entre o público e o privado, o interno e o externo, o homem e a mulher observados por frestas.

O que se torna bem contraditório quando pensamos em uma realidade latino-americana, na qual as mulheres que habitam esse território são múltiplas e diversas, com etnias, línguas, classe sociais, identidades e sexualidades muito diferentes umas das outras.

Trago a citação abaixo para pensarmos que nós, povos latinos, somos fruto de resistências plurais contra imposições históricas violentamente estabelecidas pela modernidade ocidental, pelo colonialismo e pelo imperialismo/capitalismo. A colonização foi uma das maiores mazelas que caiu sobre essas terras, o eco dela ainda (trans)-(res)-pira sobre nós. Um dos caminhos traçados atualmente é o da decolonialidade, que apresenta e valoriza o ser e o saber dos povos ditos subalternizados. O feminismo, como um corpo político que busca emancipações pelos direitos das mulheres, sustentou-se durante muito tempo pela noção de mulheres cis, brancas, burguesas e europeias.

*“viva, pulsación de gente que sueña: navegamos, planteamos resistencia y más que eso hay que gritar: é transbordando que se caminha.”*

É sobre *Abya Yala* que estamos falando, nome designado pelos povos originários da Serra Nevada, no Norte da Colômbia, para se referir à América. *Abya Yala* na língua do povo Kuna, terra viva, terra madura, uma verdadeira terra em florescimento. Assim nos aponta Carlos Walter Porto-Gonçalves (2009, p. 26): “a expressão *Abya Yala* vem sendo cada vez mais usada por esses povos, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento”. É um termo usado para abarcar todo o continente, mas que não tem a pretensão de universalizar a diversidade de experiências vivenciadas pelos povos tradicionais.

A América Latina, nome inventado pelos europeus, não dá conta das narrativas e saberes construídos por outros povos. O feminismo decolonial surge para dismantelar esse sistema colonial, que nunca deu certo, ao contrário disso, só fez as terras de *Abya Yala* não florescerem. Recuperamos, como feministas decoloniais, questões emergentes em toda a nossa sociedade e nos pautamos em outros saberes subalternizados.

O que chamamos de feminismo decolonial, conceito proposto pela feminista argentina María Lugones, tem duas fontes importantes. De um lado, as críticas feitas pelo Black Feminism, mu-

lheres de cor, chicanas, mulheres pobres, o feminismo autônomo latino-americano, feministas indígenas e o feminismo materialista francês ao feminismo hegemônico em sua universalização do conceito mulheres e seu viés racista, classista e heterocêntrico; de outro lado, as propostas da chamada Teoria Decolonial desenvolvido por diferentes pensadrxs latino-americanxs e caribenhxs.(Curiel, 2020, p. 125).

As teorias e epistemologias feministas vão mudando mundialmente de acordo com as novas pautas que o movimento vai ganhando, ou melhor, na própria crítica que o movimento vai fazendo a si mesmo. O feminismo branco teve resistência para pautar as questões raciais como algo central a ser pensado dentro do movimento de mulheres, levando em consideração a vivência das mulheres não brancas e de um estado racista e classista. Maria Lugones nos apresenta o conceito de feminismo decolonial pensando nas interseccionalidades da vida humana no sul global. Podemos também considerar que “o feminismo em sua cumplicidade com a aposta decolonial toma para si a tarefa de reinterpretar a história em chave crítica da modernidade, já não apenas por seu androcentrismo e misoginia.” (Miñoso, 2020, p. 5). A Yuderkys Miñoso nos fala da importância de vermos as epistemologias feministas clássicas de maneira crítica, pois é só

assim que conseguiremos perceber a falta de problematização em relação ao racismo e ao eurocentrismo.

Foi tomando consciência de toda essa efervescência de debates sobre o feminismo que percebi a importância dessas leituras para me aprofundar no processo de criação da minha obra. O sistema patriarcal moderno/colonial é retroalimentado pela própria humanidade, assim, como coloca Julieta Paredes (2011, p. 202) “el Patriarcado, se recicla y se nutre de los cambios sociales y revolucionarios de esta misma humanidad.”<sup>2</sup> O surgimento do movimento feminista com suas reivindicações influenciou e influencia diversas estruturas da sociedade, como a educação, a economia, a política, a arte e a cultura. Nos últimos 50 anos, conseguimos perceber as articulações dos movimentos políticos, populares e camponeses que pautavam as questões que envolviam as mulheres como algo urgente. É importante lembrarmos que, na metade do século XX, a América Latina foi assolada por regimes autoritários-ditatoriais altamente violentos, perseguindo comunistas, socialistas, mulheres e qualquer pessoa que viesse a ser contra o regime.

No Brasil, na Argentina e no Chile, antes do aprofundamento no debate teórico-essencialis-

---

<sup>2</sup>O patriarcado se recicla e nutre pelas mudanças sociais e revolucionárias desta mesma humanidade. (tradução nossa).

mo *versus* diferença, havia a tarefa urgente de reconquistar a democracia e a ampla cidadania das mulheres. Essa passou a ser uma tarefa primordial, mesmo que não exclusiva, do movimento feminista. Durante o período ditatorial, Brasil, Argentina e Chile priorizaram a luta democrática feminista. (Blay; Avelar, 2019, p. 10).

As mulheres tiveram uma enorme participação no período de redemocratização dos países, apesar de serem elas que menos ocupam os cargos de lideranças nos movimentos sociais e partidários. Foram as mulheres que exigiram, de maneira notável, a aparição dos seus amigos e familiares, surgindo na Argentina o movimento Mães da Praça de Maio, que é uma associação de mães e avós que tiveram seus filhos, filhas e netos e netas brutalmente assassinados e desaparecidos durante a ditadura militar (1976-1983). As mulheres denunciaram violências, exigiram reformas constitucionais, participação política, equidade de gênero no trabalho, na saúde e na educação.

En América Latina deberíamos agregar dictaduras, desaparecidos, paramilitares, guerrillas, genocidios, hambre, desocupación, desesperanza. Y las mujeres deberíamos agregar aún femi-

nización de la pobreza, violencia, abortos clandestinos, violaciones, prostitución y asesinatos impunes. (Maffia, 2004, p. 173).<sup>3</sup>

A realidade das mulheres que vivem em países do sul global, como é o caso da América Latina, não é fácil, já que, historicamente e geopoliticamente, esse território se constituiu com muita violência, estupros, assassinatos, racismo e pobreza. O feminismo tenta reorganizar e subverter todo esse sistema violento que decai sobre os corpos socialmente demarcados como mulheres. Segundo Marcia Tiburi (2018, p. 71), o feminismo “é um complexo operador ético-político, analítico, crítico e desconstrutivo, e serve como lente de aumento que põe foco sobre as relações humanas e sobre os aspectos ocultados nessas relações.”

Falar de feminismo como um organismo plural foi reconhecer que o feminismo tradicional e hegemônico que surgiu na Europa, mais precisamente durante a Revolução Francesa em 1789, com as sufragistas e seus ideais iluministas, não abraça as vivências de outras mulheres que vivem em outras partes do mundo. Com isso, conseguimos perceber, por exemplo, a existência do

---

<sup>3</sup> Na América Latina, devemos acrescentar ditaduras, desaparecidos, paramilitares, guerrilhas, genocídio, fome, desemprego, desesperança. E nós, mulheres, devemos acrescentar a feminização da pobreza, da violência, dos abortos clandestinos, dos estupros, da prostituição e dos assassinatos impunes. (tradução nossa)

feminismo comunitário da Bolívia, Guatemala, Colômbia, o feminismo das mulheres indígenas que vivem *Abya Yala*, o transfeminismo, o feminismo negro, o ecofeminismo, o feminismo decolonial, o Manifesto da Mulher Negra Peruana, no Dia Internacional da Mulher em 1987, o movimento do ELE NÃO nas eleições de 2018 no Brasil, o movimento *Ni Una a Menos* na Argentina e toda a “Maré Verde” que se estendeu no México e no Chile impulsionando a legalização do aborto.

A expansão do feminismo latino-americano surgiu por volta dos anos 60, atingindo e modificando várias estruturas em países que fazem parte da periferia do mundo. Antes disso, várias conquistas já tinham sido consolidadas, como a participação na política e o direito ao voto, a liberdade dos corpos, as questões de natalidades e os métodos contraceptivos em alta. Destarte, pode-se salientar que, apesar de várias conquistas, vivíamos também um momento de ascensão das ditaduras militares e a extinção de liberdades partidárias e artísticas. A censura foi instalada e muitas mulheres ainda gritavam e denunciavam as atrocidades cometidas por esses governos. O feminismo em si é um corpo político que busca emancipações na vida das mulheres e mobiliza ações para a construção de uma sociedade baseada em um bem-estar coletivo e social.

Importante salientar que as mulheres tiveram grande importância política/social/cultural no século XX, nos países latinos em geral, onde a violência, durante séculos, foi imposta por coloni-

zações severas e ditaduras carrascas. Fala-se a língua do colonizador e recria-se outras histórias de visibilizações e protagonismo. A história do patriarcado acompanhou a história do ocidente e viajou pelos mares, consolidando violências de gênero, sexuais e étnicas. O ativismo surge do encontro da arte com a política, são modos de se produzir visualidade com pretensão de tensionar algumas pautas políticas, sociais e econômicas. Foi com o ativismo também que comecei a refletir sobre o papel social da arte e quais as suas contribuições para a emancipação da coletividade.

Dois momentos na história cultural ocidental marcam a origem do ativismo presente nos dias de hoje. Primeiro, os movimentos sociais a partir da década de 60, como a luta pelos direitos civis, as manifestações contra a guerra no Vietnã, as mobilizações estudantis de 68 e a contracultura. O segundo momento da origem do ativismo é mais recente, ligado à produção de novas tecnologias, a partir dos anos 90, que ampliam o potencial de artistas políticos com os meios de comunicação de massa, a internet e conquistas tecnológicas, propiciando as mais diferentes e inusitadas práticas, marcadas principalmente por utilizarem elementos de paródia com humor em suas realizações. (Bordin, 2015, p. 129).

Esses movimentos sociais propiciaram que a arte caminhasse, e a minha poética também, questionando e refutando as estruturas de poder, negando-as e denunciando-as, criando formas de resistência e sendo vanguardista em práticas artísticas. Meu percurso criativo bebeu do ativismo feminista, trouxe à tona questões de autonomia do corpo, desmoronamento de estereótipos e de universalização do que se compreendia pelo termo mulher. Novas performatividades e corporeidades se tensionaram e me alertaram sobre o nosso território latino, ou de *Abya Yala*, indicando outras formas de plantar a vida. Essas reflexões me fizeram acreditar que emergir é subir, é se erguer, é aflorar. É isso que minha obra pretende, inserida no ativismo-feminista: pensar as ações artísticas/estéticas como formas de emergir para transgredir politicamente.

Observei, durante as investigações teóricas, que o ativismo feminista possui fortes influências da arte de manifesto, arte engajada e dos crescentes protestos políticos entre o século XX e XXI. Uma de suas principais denúncias foi ao sistema patriarcal. Sendo assim, quando reflito sobre a realidade do Sul Global, como é o caso da América Latina, percebo que o patriarcado não está associado apenas com o sistema que favorece o homem branco, cisgênero e heterossexual em detrimento das mulheres. Segundo Costa e Coelho (2018, p. 26), “O Ativismo Feminista é parte da concepção de arte como forma de questionamento, visibilidade e transformação social, no sen-

tido de resignificar o conceito de mulher, hegemonicamente construído pelo mundo masculino.”

Cheguei à conclusão de que o ativismo feminista latino-americano tem que ser decolonial em suas práticas, colocando no centro das discussões artísticas as questões que perpassam o colonialismo e o racismo, o capitalismo e os meios de dominação de produção, o gênero e a sexualidade como categorias de existência, a modernidade eurocêntrica e a sua binariedade de compreensão e leitura do mundo.

A minha produção, assim, passou por uma série de modificações, contrapondo muitas vezes os modelos tradicionais de produzir arte. Com isso, percebi uma série de hibridizações entre as linguagens e técnicas artísticas. Meu corpo virou suporte ou a própria obra em si. Os materiais foram escolhidos tendo como referência a menstruação, desde que tivessem significado, ou seja, os retirei do seu lugar utilitário, atribuindo-lhes outros significados.

Os discursos que as obras me propiciavam ao serem concebidas me revelavam a presença das múltiplas formas de existência das mulheres. Cada uma com afetações e marcadores sociais diferentes umas das outras. Não há universalização, o que há são frestas que se encontram. Se a mulher sempre foi considerada o outro ou o objeto, ela, para minha obra, é a presença feminina ativa que produz outros discursos e representatividades muito importantes na construção de uma arte não machista, não colonial, não racista e não sexista.

Uma das produções que tomo como referência para pensar toda a articulação de ativismo, feminismo e decolonialidade é o Coletivo boliviano *Mujeres Creando*, que surge, em 1992, fundado por María Galindo, Julieta Paredes e Mónica Mendoza. O coletivo, além de ser feminista, é anarquista e anti-imperialista e produz obras em performance, grafitti/pixação, espalhadas pelas ruas de La Paz e de Santa-Cruz de la Sierra. Ao entrar no site *Mujeres Creando*, encontramos a seguinte imagem (fig. 1) que fala: “*Quem te disse que o feminismo é um produto europeu nascido no contexto do Estado moderno e transportado do padrão e da visão eurocêntrica para ser reproduzido por mulheres do sul do mundo?*”.

Figura 1 – *Quem te disse que o feminismo é um produto europeu nascido no contexto do Estado moderno e transportado do padrão e da visão eurocêntrica para ser reproduzido por mulheres do sul do mundo?* (tradução nossa).



Fonte: Site do Coletivo *Mujeres Creando*.

O coletivo questiona o lugar do feminismo como movimento de mulheres e traz várias reflexões acerca da sua origem e de suas práticas. O feminismo tradicional/branco/burguês surgiu na Europa com a expansão da modernidade e do colonialismo, mas isso não quer dizer que o feminismo como prática humana diz somente sobre as experiências das mulheres europeias, posteriormente, transportado para *Abya Yala* no período colonial. As mulheres que viviam em *Abya Yala* não tinham práticas de lutas contra o sistema patriarcal?

Em 1500, 1600, nossas avós, nos territórios de *Abya Yala*, já estavam se rebelando contra o patriarcado. Quando os portugueses chegaram aqui ou os espanhóis chegaram na Bolívia, quando percebemos que eles eram invasores e dominadores, o povo resistiu e as mulheres também se levantaram. Muitas mulheres indígenas guerreiras lutaram contra os portugueses, mas são esquecidas. (Paredes, online).

O feminismo como prática é diverso, plural, heterogêneo, situado a partir de eixos e lugares múltiplos. “Nosso feminismo nasce de uma memória remota própria, anticolonial e antirracista. Entendemos o feminismo como um fenômeno planetário presente em todas as culturas e latitudes do mundo com genealogias próprias e diferentes.”

Figura 2 – *Nosso feminismo nasce de uma remota memória própria anticolonial e antirracista. Entendemos o feminismo como um fenômeno planetário presente em todas as culturas e latitudes do mundo com genealogias próprias e díspares.* (tradução nossa).



Fonte: Site do Coletivo *Mujeres Creando*.

Com essas leituras, percebi que passei a vida inteira sem conhecer nada da nossa história. A memória que guardava do nosso lugar era frágil. Decidi que, como mulher-artista, nordestina que sou, guardaria esse lugar da América Latina ao longo do texto como um lugar que sempre me foi negado. Escrevi então para conhecer, escrevi para chegar no lugar de cruzamento e bifurcações da existência dos corpos e das questões coletivas que me trouxeram até aqui.

Como já me referi na introdução, comecei a me interessar por produções artísticas feitas com sangue menstrual ainda no período da graduação, quando percebi que o que mais me inco-

modava era o que mais me movia. Gostava de pensar os processos criativos a partir da memória, da potencialidade, dos fluidos, das camadas e das entranhas que existem em um corpo. Incomodava-me não estudar mulheres artistas e, várias vezes, cheguei a me perguntar: “Esse espaço me pertence? Aqueles modos de criação eram o que eu queria?”.

Sim, não havia dúvida que era esse o meu objeto investigativo: o rio que escorre em mim. Assim, fui encontrando algumas artistas europeias e estadunidenses que também produziam com menstruação e que me levaram a observar, com profundidade, a reordenação do lugar que esse corpo tem ocupado, pois a menstruação, em pleno século XXI, ainda é colocada sob as amarras do privado, do individual e do escondido. Se atentarmos, ao longo da história da humanidade, a vulva/vagina<sup>4</sup> adquiriu diversas simbologias/significados, passando desde crenças sagradas, ritualísticas, até a relações com o profano, com o banal, com o diabo.

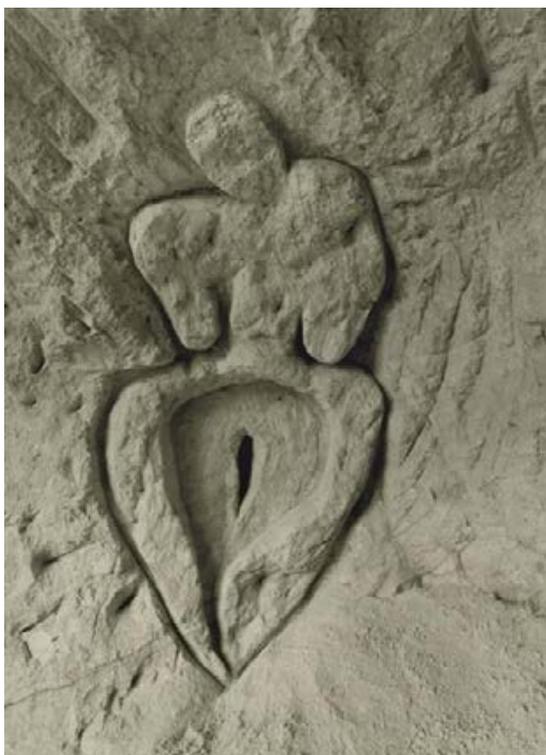
Entretanto, os ritos na arte acompanham a exposição da vulva há muito tempo. Uma das imagens mais antigas encontradas no planeta Terra tem representações da preciosa vulva.

---

<sup>4</sup> Adoto as palavras vulva/vagina em alguns momentos, ao longo do texto, para representar as diversas frestas que existem sobre esses órgãos sexuais. A vulva é parte externa composta pelos grandes lábios, os pequenos lábios, o clitóris, os bulbos vestibulares, o vestíbulo da vulva, a abertura da vagina, a glândula de Bartholin e a glândula de Skene. A vagina é o canal que conecta o meio externo ao útero. Coloco as palavras juntas, como fendas a serem percorridas juntas, como partes distintas de um corpo que se completam.

*Sem título: Guanaroca: Primeira Mulher* (fig. 3), de 1981, da artista cubana Ana Mendieta (1948-1985), que esculpiu, em uma caverna cubana, a imagem de uma deusa e de uma vulva em exuberância. A obra enaltece o corpo e o sexo como algo sagrado nas crenças dos povos tradicionais que viviam em *Abya Yala*.

Figura 3 – Ana Mendieta, *Sem título, Guanaroca: Primeira Mulher*, 1981.



Fonte: <https://www.buzzfeed.com/br/mauroalbano/aqui-estao-imagens-da-exposicao-que-o-masp-censurou-aos>

Foi possível, durante o percurso, encontrar imagens semelhantes à da obra de Ana Mendieta em diversas partes do mundo. Há muitas esculturas e estatuetas de mulheres com pernas abertas, mostrando a vulva/vagina. Estas imagens são encontradas em templos, igrejas, túmulos, cavernas, casas, entre outros espaços. Segundo Strömquist (2018, p. 50), “A exposição da vulva é de LONGUÍSSIMA data na nossa cultura. A imagem e os objetos mais antigos que foram encontrados na Terra estão cheios de vulvas.”

Com essas vertentes, não somente a vulva/vagina esteve presente ao longo da história humana desde que o mundo é mundo, mas a menstruação também, carregando múltiplas simbologias e significados. Desde os rituais da menarca aos ritos da menopausa, são muitos os caminhos percorridos que as pessoas que têm útero vivenciam ao longo da vida.

Seja pela ingestão acidental de plantas que provocavam o sangrar ou o interrompiam, seja por meio de movimentos que aliviassem contrações e dores, o fato é que as mulheres acumularam um saber que lhes possibilitou lidar com seus ciclos de modo mais consciente. Como nos revelam alguns rituais menstruais ancestrais, as mulheres sabiam como fazer seu sangue fluir, por meio de movimentos e danças extenuantes, além de possuírem um profundo conhecimen-

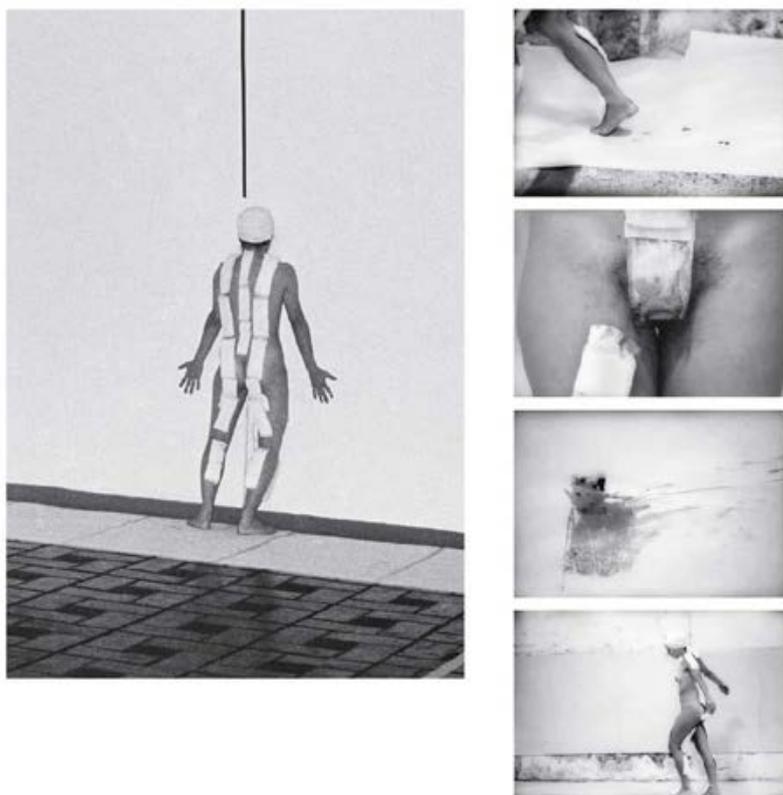
to de plantas com princípios ativos capazes de provocar ou interromper o fluxo do sangue. (Koss, 2004, p. 48).

Carrega-se, assim, como mulher, conhecimentos transmitidos há séculos por meio da oralidade de pessoas mais velhas. Lembro-me que, desde pequena, fui apresentada a plantas, chás, alimentos que tinham grande poder de cura. Os chás aliviam dores, provocam relaxamento, auxiliam no tratamento de algumas doenças e reduzem o estresse e ansiedade. As plantas são milagrosas. Ao menstruar pela primeira vez, foram-me apresentadas várias crenças e simbologias em torno desse fluir. “Toma chá de canela que é bom para a menstruação descer, toma chá de camomila para aliviar as dores, toma chá de capim-santo para aquecer o corpo”. Minha avó sempre falou que ficar de pés descalços, estando menstruada, é péssimo. “Aquece os pés, menina, para teu útero ficar quentinho e essas dores irem embora”, ela sempre me falou isso. Só depois entendi que os pés possuem pontos que ligam todos os órgãos internos do corpo.

Outra artista que foi importante nessa pesquisa é Maria Evelia Marmolejo (1958), artista colombiana que tem a performance “11 de março - ritual em homenagem à menstruação, digno de toda mulher como precursora da origem da vida” (fig. 4), na qual a artista cobre parte do seu corpo com absorventes, deixando sua vulva livre para o sangue escorrer entre suas pernas,

pingando em um papel que se encontra em formato de L no chão. A artista se movia interagindo com as paredes do espaço, e a dança acontecia com o som de uma descarga sanitária.

Figura 4 - Maria Evelia Marmolejo, *11 de março - ritual em homenagem à menstruação, digno de cada mulher como precursora da origem da vida*, 1981.



Fonte: <https://www.meluna.com.ar/activismo-menstrual/tabobreaker-maria-evelia-marmolejo/>

Nessa, percebo um caráter ritual que ganha potencialidade quando vivenciada por Marmolejo. Ela se inspirou em um mito relatado por um amigo: “um mito ancestral indígena de etnias da selva tropical do Chocó, na Colômbia, que entende a origem da vida na mulher, que criou o homem ao mesclar sangue de sua menstruação com lodo em forma de falo enterrando-o (Oliveira *apud* Hill, 2018, p. 87)”.

Em pleno século XXI, fala-se que uma mulher nunca menstruou tanto quanto agora. Com o surgimento dos métodos contraceptivos e, principalmente, das pílulas hormonais, as mulheres tiveram seus ciclos completamente modificados.

Essas reflexões foram muito significativas para introduzir a minha produção, o que, seguramente, propiciou-me um maior aprofundamento nos conceitos inerentes ao meu percurso criativo.

Assim, nesse contexto, trago uma imagem (fig. 5) do meu primeiro trabalho experimentando o material sangue. Fiz ele assim que entrei na graduação, em 2014, nas experimentações da matéria Expressão Visual I. Reconheço esse trabalho como uma semente germinada na direção de toda a minha produção atual.

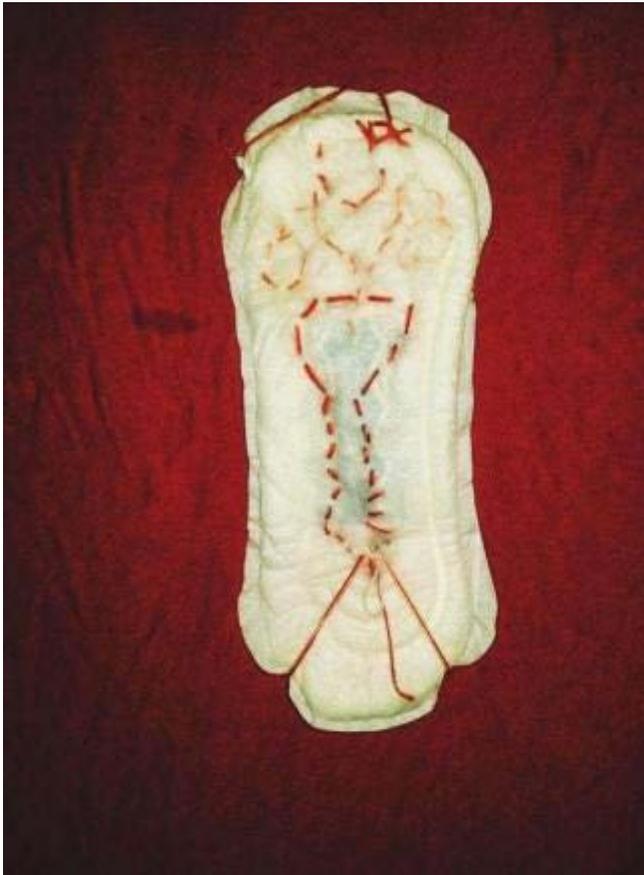
Figura 5 – *Experimento I*, sangue sobre papel, 2014.



Fonte: Própria.

Observo que as coisas nessa época não eram tão nítidas para mim. O motivo de querer falar sobre menstruação ainda pairava como uma névoa sobre meus olhos. Uma das maiores questões para uma produtora de imagem é a trama da materialização dos pensamentos. Nessa época, meu contato com o sangue menstrual ainda era por meio dos absorventes descartáveis e, com isso, a textura e o cheiro do sangue se misturavam com o plástico, o algodão e todas as substâncias químicas presentes. O sangue dessa imagem é um sangue coagulado retirado do absorvente.

Figura 6 – *Experimento II*, bordado sobre absorvente, 2014.



Fonte: Própria.

Quis desenhar a silhueta do sangue que ficava impresso no absorvente, quis rasgar esse absorvente que deixava minha vulva queimando em chamas e com um odor muito ruim. Sempre pensei que tinha alguma coisa errada com o cheiro desse sangue e que não

poderia ser normal as pessoas criticarem tanto esse fluido, atribuindo somente coisas negativas e pejorativas a ele. Bordei esse absorvente na mesma época que pinteí aquela folha em branco. Só depois percebi que a indústria dos absorventes “higieniza” o sangue com essa tinta azul. Mas quem, no planeta Terra, menstrua azul?

É possível observá-la também em outras peças publicitárias que reforçam a ideia de higienização, representando o fluxo menstrual com a cor azul, anunciando produtos que mantêm o sangue longe da pele e que protegem contra eventuais vazamentos. O silenciamento de um processo natural da mulher ocorre quando as campanhas omitem as palavras: menstruação, fluxo e ciclo menstrual. (Ratti, *et al.*, 2015, p. 10).

O tabu acerca da menstruação ainda é gigantesco. Ele vem sendo reforçado por diversos órgãos e estruturas sociais, como a Igreja, o Estado, os aparelhos midiáticos e televisivos. Todos eles possuem em seu âmago visões machistas e misóginas, transformando, ao longo do tempo, a menstruação em algo impuro, demoníaco, sujo e perigoso. Menstruar azul nas propagandas televisivas é uma forma de silenciamento da memória coletiva que é sangrar. E sangrar é vermelho, é estar viva. É escorrer com medo, é sorrir feliz, é desenhar a dor.

A menstruação para mim também é uma forma de resgatar memórias, preservando-as, abandonando-as ou reconstruindo-as. A obra abaixo, *Encarnemo-los pelos tecidos*, é o primeiro trabalho que eu considero de fato que foi o desabrochar de toda essa poética de ciclicidade que venho construindo. A obra foi feita, em 2017, com a publicação da seguinte frase nas redes sociais: “Você doaria seu sangue menstrual para construção de um ato poético?”. Muitas mulheres me responderam falando que doariam, sim. Perguntaram como funcionaria a doação da menstruação, se era para guardar o ciclo todo, só um dia e qual a quantidade. Não dei um limite para as mulheres, falei para elas que elas poderiam doar a quantidade que elas quisessem aprisionar dessa memória.

Figura 7 - *Encarnemo-los pelos tecidos* / Sangue menstrual, instalação (2017) 6 - 4x7 cm.



Fonte: Própria.

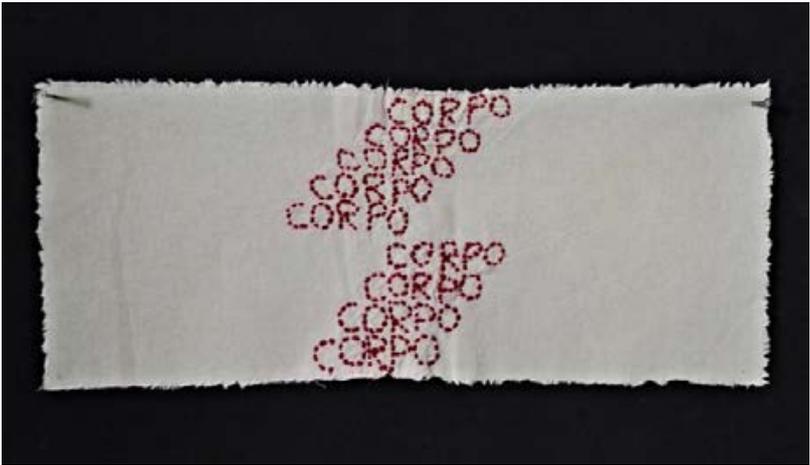
Recebi o sangue de 6 mulheres e comecei a montar a instalação *Encarnemo-los pelos tecidos*, colocando o sangue em frascos de vidros que possuíam 4 cm x 7 cm de tamanho. Encarnar é fazer carne, é tornar-se humano, é cicatrizar e criar em carne. Foi a partir desse verbo que nomeei esse trabalho, pensando no tecido que nos torna humanos. A carne, o sangue e a memória. O encontro com os ciclos menstruais me permitiu resgatar memórias e evocar conexões significativas no corpo. A instalação foi o encontro da prática do bordado com o sangue menstrual, ambos comuns na vida das mulheres. Em tempo, o registro das memórias, da história e dos corpos ocupa um lugar contraditório nas passagens cíclicas do tempo.

Figura 8 - *Encarnemo-los pelos tecidos*, instalação (2017) 20 cm x 50 cm.



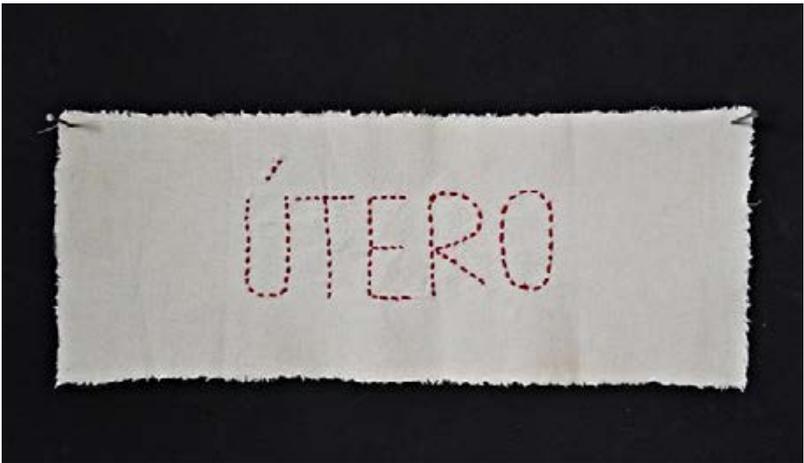
Fonte: Própria.

Figura 9 – *Encarnemo-los pelos tecidos*, instalação (2017) 20 cm x 48 cm



Fonte: Própria.

Figura 10 – *Encarnemo-los pelos tecidos*, instalação (2017) 19 cm x 48 cm.



Fonte: Própria.

Argumento, assim, que guardar o ciclo menstrual é um ato de preservação da memória de um corpo, refletindo que o sangue é presente, é visível e é potente. Conservei a memória do sangue doado como um ato de preservar a memória coletiva que nos une e nos separa como corpos menstruantes. A memorabilia sanguínea dessa obra passou por diversas fases, desde a participação na exposição I Salão Universitário de Artes Visuais do IFCE, no Museu da Cultura Cearense (MCC), no Dragão do Mar, em Fortaleza, Ceará, até o desaparecimento da obra após a desmontagem da exposição, que foi encaminhada para a casa de uma pessoa X. Por questões financeiras não pude buscar a obra em Fortaleza, mas a recriei para um trabalho em 2021: minha primeira exposição individual *Ecoa em nós*. Só que, dessa vez, não foi com sangue de outras mulheres, mas, sim, com o meu. Guardei um ciclo inteiro nos respectivos frascos. Cicatrizei a memória.

Acredito que falar de memória é sacolejar as entranhas de um corpo, é assobiar para o passado e rememorar o fluxo do presente. O trabalho *Paños*, da artista chilena Carina Úbeda, fez-me refletir muito sobre o movimento que os óvulos possuem dentro de um corpo. A artista parte da seguinte pergunta para criar a obra: ¿Cuál es el destino de un óvulo?. Ela coleciona fluxos menstruais ao longo de 5 anos e monta a instalação com vários paninhos impressos com menstruação. A artista é alérgica a absorventes descartáveis e usa os famosos “paninhos”

durante seu ciclo. É importante lembrar que os absorventes descartáveis surgem em período muito recente comparado à história da menstruação. Até o século XX, as pessoas que possuíam vulvas e menstruavam usavam tecidos dobrados para que o sangue não escorresse entre as pernas. Os paninhos eram lavados e reutilizados.

Na instalação *Paños* (fig. 11), Carina Úbeda reúne 90 tecidos em bastidores, com maças podres penduradas ao lado. O sangue impresso nos tecidos é da própria artista e, juntamente a isso, ela borda no tecido algumas palavras, como “é transferido” “é fabricado”, “é destruído”, “é descartado”.

Figura 11 – Carina Úbeda, *Paños*, instalação, 2013.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=fzwHFJDP\\_oU](https://www.youtube.com/watch?v=fzwHFJDP_oU)

A instalação aconteceu na sala de exposição do Centro de Promoção da Cultura e Saúde de Quillota, no ano de 2013. As maçãs representam os óvulos mortos ou não fertilizados. O sangue ganha sobre o tecido formatos abstratos, desenhados a partir do ciclo comum do corpo de Carina. O sangue menstrual é a não fecundação do óvulo, é a descamação das paredes do útero, é um processo biologicamente natural a muitos corpos. Com isso, ao longo do tempo, muitos utensílios foram usados para barrar e conter o fluxo menstrual, como é o caso dos absorventes.

No Brasil, há relatos sobre proteções menstruais a partir de 1930, quando se observa a chegada do Modess. Trata-se de uma marca de absorvente americana, da Johnson & Johnson, sendo a primeira a desenvolver absorventes descartáveis com uma parte adesivada para fixação na calcinha. (Porfírio, 2018, p. 1).

Nesses fluxos de ideias, surgiram outras questões: “E quando não tínhamos paninhos e nem absorventes descartáveis, quais dispositivos menstruais que se usavam? O fluxo escorria livremente?”.

E foi nessa perspectiva de ficar nítido aos olhos, que criei a performance “Fluxo em Fluxos”, no ano de 2018, em que busquei problematizar a ideia e os tabus acerca da menstruação. Uma mulher vestida de branco vivencia o cotidiano da cidade

normalmente, enquanto o seu fluxo menstrual escorre livremente sobre/sob a roupa.

Figura 12 – *Fluxo em Fluxos*, performance, 2018.



Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=UN6C-8neCyME&t=24s> Fonte: Suyane Oliveira (Soupixo).

Nessa obra, saí de casa no terceiro dia de menstruação para viver o cotidiano da cidade normalmente. Caminhei, indo em direção ao centro da cidade para pagar umas contas e comprar objetos de cosmética para mim. Não usei calcinha, não usei absorvente interno e nem coletor. Estava vestida apenas com esse macacão branco. De acordo com o meu caminhar e com o passar do tempo, foram aparecendo na roupa as marcas do sangue. Muitas pessoas

me acompanharam ao longo da rua para me avisar que eu estava “suja”, que tinha “vazado” e que a roupa estava manchada. Somente MULHERES me abordaram na rua. Elas apressaram a caminhada, pararam carro, moto, e uma delas me acompanhou de bicicleta. Todas com um único objetivo: alertar que o sangue estava visível aos olhos. Elas me acompanhavam e falavam, enquanto eu continuava a caminhada, em silêncio. Quando as pessoas falavam comigo, eu balançava a cabeça no sentido que tinha entendido e continuava seguindo o fluxo do meu cotidiano com um dos acontecimentos que me é tão comum: sangrar todo mês.

Figura 13 - *Fluxo em Fluxos*, performance, 2018.



Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=UN6C8neCyME&t=24s> Fonte: Suyane Oliveira (Soupixo).

Figura 14 – *Fluxo em Fluxos*, performance, 2018.



Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=UN6C8neCyME&t=24s> Fonte: Suyane Oliveira (Soupixo).

A performance teve duração de três horas, e a obra ia se desenhando no percurso, na deriva, no estar habitando o corpo naquele momento. Como vivo em uma cidade altamente religiosa, na qual a Igreja Católica tem muitas influências na construção do imaginário, da memória e da cultura local, finalizei a performance me dirigindo à igreja da Matriz, que é uma das principais igrejas da cidade. Entrei na igreja, caminhei até a frente do altar, parei alguns minutos e saí dela. A ação acabou nesse lugar por considerar que a instituição da Igreja é uma das maiores respon-

sáveis pela criação da misoginia e dos tabus em relação ao corpo feminino e seus fluidos menstruais.

Figura 15 – *Fluxo em Fluxos*, performance, 2018.



Obra montada na exposição *Ecoa em Nós*, 2021. Fonte: Própria.

Penso que a naturalização do sangue visível aos olhos é um lugar político que fomenta discussões sociais que estão no nosso cotidiano. Busquei, com esse trabalho, pensar o ativismo menstrual como visualidade e libertação para meu próprio corpo e para o corpo de outras mulheres. Melar em fluxos as retinas dos que me olhavam foi criar espaços de naturalização da menstruação, retirando-a intencionalmente do seu ambiente oculto e privado.

Considerando que, nos dias de hoje, uma mulher brasileira engravida, em média, umas 2 vezes ao longo de toda a sua vida, ou seja, as taxas de fecundidade foram alteradas em pouquíssimo tempo. Segundo o censo do IBGE de 2010, a taxa de fecundidade das mulheres girava em torno de 1,9 filhos. Já por volta do ano 1960, a taxa de fecundidade no Brasil era em média 6,3 filhos por mulher. “Isso aconteceu devido à queda da fecundidade, ao maior número de separações e à maior esperança de vida, especialmente das mulheres (Blay, *et al.*, 2019, p. 45).”

Assim, percebe-se que, em poucas décadas, as mulheres começaram a modificar o conceito de família. Uma das principais causas para as mulheres terem menos filhos é a dificuldade de conciliar a vida profissional, do trabalho e dos estudos, com a vida familiar. Um dado importante de observarmos aqui é que, por volta dos anos 2000, as mulheres ocupavam em média 58,2% das universidades brasileiras, ou seja, conseguimos reverter a desigualdade de gênero no ensino superior do Brasil. Foi somente depois do surgimento da pílula anticoncepcional, por volta dos anos 60, que os hábitos sexuais do mundo ocidental mudaram completamente e, com isso, as taxas de natalidade foram alteradas também. As mulheres não estavam mais dispostas a ter a quantidade de filhos que as suas antepassadas tinham.

Graças à abertura do espaço público para as mulheres, não nos vemos mais obrigadas apenas a cuidar do lar. O mundo do trabalho agora também é nosso. O sangramento menstrual nas socie-

dades modernas é mais frequente do que nas sociedades antigas. É estranho pensarmos que, hoje em dia, nós menstruamos mais do que as mulheres que nos antecederam. As mulheres passavam boa parte de suas vidas grávidas, uma gravidez atrás da outra.

Até o final do século 19, as mulheres menstruavam pouco, pois engravidavam em média 10 vezes, além de amamentarem por longos períodos. Dessa forma, passavam até 18 anos sem menstruar. Atualmente, o número de gestações reduziu para, em média, duas, com cerca de seis meses de amamentação, o que resulta em até 2 anos e meio sem menstruar. (Biocor, s. d, p. 1).

O movimento de luta das mulheres nos emancipa, não só como mulheres, mas também como sociedade plural, diversa e justa. A história da arte feminista surge para questionarmos o sistema hegemônico, que é composto em sua maioria por homens, héteros e brancos. Não queremos instaurar um novo cânone no “modus operandi” de se produzir arte, queremos apontar para novas perspectivas imagéticas que questionam a maneira das mulheres serem/estarem no mundo, excluindo principalmente a universalização do que conhecemos por “mulher”.

A (des)construção começa quando pensamos no rompimento radical das relações entre sujeito e objeto, e colocamos em xeque quem são os objetos a serem estudados e a serem representados. O feminismo decolonial culmina em revisitar várias problemáticas e brechas importantes que o feminismo branco não estava atento em suas investigações e práticas definidas por uma perspectiva moderna ocidental e eurocêntrica. O pensamento decolonial de arte vai tensionar as fronteiras entre a colonialidade, o imperialismo/capitalismo e a formatação ocidental eurocêntrica do mundo. Para as artistas feministas decoloniais, que são latino-americanas, as questões artísticas são outras, os corpos em questão são outros e os problemas epistemológicos e metodológicos são outros.

**TODO  
MUNDO  
VAZA**

Foi a partir dessas reflexões, de como circunscrever uma outra história, que comecei a questionar: “Podem os órgãos internos performarem uma nova existência? Qual a potencialidade de vida que damos aos úteros e aos ovários?”. A vídeo-performance “Aparelho v i v o feminino” surgiu como obra em 2018. Esta explorava as ações de um corpo em estado performático inserido num exame de ultrassonografia transvaginal. O exame busca observar a vagina, os ovários, o útero, o endométrio e, com isso, avaliar se os órgãos estão saudáveis. A vídeo-performance consistiu na minha ida ao exame, iniciando-se quando deito na maca da clínica médica com as pernas abertas, pronta para receber uma câmera que irá invadir minha vagina adentro. A sonda do ultrassom transmite informações para o computador que está sob os meus olhos, as imagens transmitidas são as dos órgãos e estruturas pélvicas (ovários e útero).

Figura 16 – *Aparelho v i v o feminino*, vídeo-performance, 2018.



Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Cqw57w3OOVo> Fonte: Própria.

No trabalho “Aparelho v i v o feminino”, o útero e os ovários são os agentes performáticos produtores de ações. Eles se movimentam e ensaiam em rito o que não é visto, o que não é enunciado, mas que está ali presente e vivo. A vídeo-performance tem duração de 5 minutos e 4 segundos, que é o tempo que durou o exame médico. Ao longo do trabalho, conseguimos observar, em amarelo, linhas sendo traçadas, mapeando o tamanho e as dimensões do útero, do endométrio e dos ovários esquerdo e direito.

Figura 17 – *Aparelho v i v o feminino*, vídeo-performance, 2018.



Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Cqw57w3OOVo>

Fonte: Circuito de Arte Contemporânea de Curitiba – CACC.

A ação aconteceu no dia 24 de agosto de 2018. Posteriormente, o trabalho foi selecionado para participar de uma exposição coletiva no Circuito de Arte Contemporânea de Curitiba, o CACC. A exposição aconteceu no MuMA, Museu Municipal de Arte de Curitiba, de 26 de janeiro a 6 de março de 2019. A vídeo-performance é parte da ação corporal que é o tempo de um exame médico. A performance acontece para a vida, para a câmera e para o espectador. O trabalho entrelaça as questões cotidianas de cuidado e saúde com as questões da arte, questionando os limites e as fronteiras que podem existir entre elas. Após a realização desse trabalho, fui diagnosticada com cisto nos ovários, e isso balançou toda a minha performance interna. Como poderiam agora meus órgãos realizar uma performance da dor?

Sim, a dor mais uma vez criou movências dentro de mim. Os cistos são uma espécie de bolsas cheias de líquidos que surgem nos ovários, e só descobri que tinha cisto nos ovários após ir 3 vezes à urgência de um hospital com uma dor pélvica absurda. Menstruar não diz só sobre o sangue que corre pela vagina, mas, sim, sobre toda a ciclicidade que envolve o órgão e as relações do cérebro com os estímulos hormonais. Performo com esse trabalho a minha dor, pois ao performar essa dor, eu performo as entranhas da minha vida.

Não há como falar de entranhas sem recordar a obra, *Pintura corporal de guerra* (2009), da artista brasileira Maria Eugênia Matricardi. A performance aconteceu no Espaço Piloto, em Brasília, em

2009. A ação faz uma analogia às inúmeras guerras que as mulheres têm que travar diante do sistema patriarcal no qual vivemos.

Figura 18 – *Pintura Corporal de Guerra*, Maria Eugênia Matricardi, Brasília, 2009.



Foto: Ana C.

Foto: Ana C.

Fonte: © Ana C.

Retomando as muitas culturas dos povos tradicionais de *Abya Yala/ América Latina*, a pintura corporal possui significados múltiplos. É por meio delas que esses povos se conectam com a natureza, com a espiritualidade. É por meio delas que eles se

relacionam socialmente. As pinturas são feitas com materiais/matérias encontrados na própria natureza, extraídos do solo, de pedras, de plantas e de frutos. A artista Maria Eugênia, com esse trabalho, consegue pensar nas relações entre pintura e natureza, assim como os povos tradicionais.

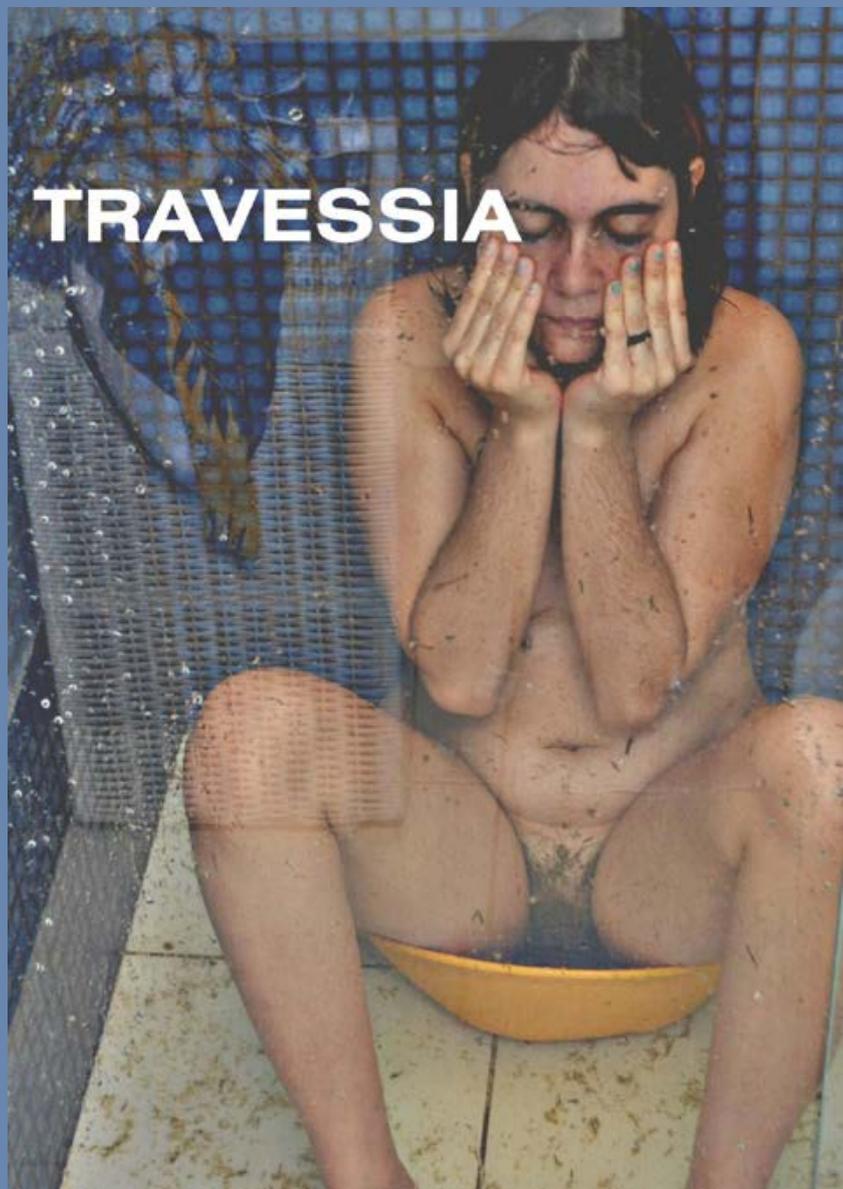
Nua entro na galeria. Fico alguns minutos em concentração. Retiro de dentro da vagina um coletor menstrual. Molho os dedos médio e anular no sangue, traço uma linha horizontal abaixo dos olhos. Pinto o rosto, depois traço uma linha vertical pelo torso, outra horizontal pelos seios. Marco com os dedos gotas de sangue que escorrem no lado esquerdo e direito do peito. Coloco o restante da menstruação na boca, sinto o gosto do meu endométrio deixando o sangue escorrer da boca pelo torso até chegar na vagina e gotejar no chão. (Matricardi, online).

A performance tem duração de 20 minutos e me faz pensar quais os encontros e as bifurcações que a menstruação tem com a guerra instaurada contra determinados corpos. Conseguimos pensar na menstruação como um fluido natural que emerge de determinados organismos? Conseguimos retirar a menstruação

do lugar do tabu e colocá-la como matéria para produção de arte contemporânea? A performance e a pintura neste trabalho desafiaram os suportes e os materiais tradicionais de produção de arte, descolonizando a arte, o corpo e a cultura.

Na próxima fase, intitulada *Travessia*, explorei os movimentos de atravessamentos entre as referências artísticas e teóricas, e a produção da primeira exposição individual *Ecoa em Nós*. Partindo disso, seguem em curso as discussões de gênero, decolonialidade, corpo e menstruação atreladas à arte.

**TRAVESSIA**



Eu te convido a renascer nas águas claras da tua memória uterina. A respirar e fazer dançar teus ovários e tuas sementes-óvulos, como fizeram as estrelas que se conectaram para te fazer ser quem és. Eu te convido a celebrar a mulher que sentes ser, independente das formas, cores e cheiros do teu corpo, e do nome que dão ao teu gênero. Eu te convido a te nutrir do teu próprio amor, a receber o amor da tua mãe e de todas as tuas ancestrais. E compartilhá-lo com tuas irmãs de caminho, e com tuas filhas (gestadas, nascidas ou por vir), generosamente. Eu te convido a dar voz ao oráculo do teu ventre e deixá-lo guiar tua vida. A seres tu a Deusa que te salva de quem tu não és, e não queres mais aparentar ser. Eu te convido a gestar comigo um novo tempo, em que somos livres para revelarmos nossas sombras e nossos brilhos. Para darmos luz às crias que se reconhecem pertencentes ao todo, às criações que apoiam a evolução da humanidade. Eu te convido a resgatar teu próprio ritmo, a te contrair e a te expandir, reinventando-te numa pausa plena da tua presença.

Com amor,

Vanessa Moutinho

Dançando com meus ovários e minhas sementes-óvulos, como nos propõe Vanessa Moutinho, as estéticas sangrentas se revelam como travessias, que, neste terceiro capítulo, se desdobram em fluxos contínuos. Discussões sobre a produção artística realizada com materiais não convencionais, utilizando o corpo como matéria para outra produção em distintas visualidades.

As obras e o movimento que aqui busquei intitular partem de artistas que têm vulva/vagina e de artistas que não têm. É difícil falar de menstruação sem falar de mulheres, já que associamos ao longo dos séculos a vulva/vagina ao gênero feminino. Quando tive a pretensão de abordar discussões acerca do feminismo decolonial nessa pesquisa, foi pensando em refletir sobre como a menstruação é, ao mesmo tempo, um fluido corporal e um acontecimento histórico social que permeia as nossas vidas em muitas instâncias. De acordo com Sala (2018), a menstruação existe sob três níveis de colonialidade. Um desses níveis é o do poder, quando se nega o valor político e público da menstruação e não se cria políticas públicas gratuitas e obrigatórias que envolvam a equidade menstrual. A segunda é o do saber, quando se impõe um único modo de sangrar e um único modo de realizar práticas de cuidado: o modo da medicina tradicional. Considerando apenas esse modo como o único possível, todos os conhecimentos ancestrais, populares e espirituais são negados. O terceiro é do gênero, quando se constrói uma menstruação restritiva, ligada somente às mulheres cis, desconsiderando todos os outros corpos

que menstruam, os homens, os não binários e quaisquer outra identidade de gênero.

Um dos trabalhos que evoco aqui e que tem me inspirado e me ajudado a refletir bastante sobre essa discussão é da artista israelense-argentina EffyMia, ou Effybeth, com seu trabalho *Siempre Soy Mujer* (2011), (fig. 19-20). A artista foi uma mulher trans que começou sua redesignação hormonal em 2010 e, um ano depois, extraiu do seu próprio corpo sangue para desenvolver todas as ações que compõem o projeto.

Figura 19 – EffyMia, *Siempre Soy Mujer*, performance, 2011.



Fonte: <http://nuncaserasmujer.blogspot.com/>

Nesta obra, a artista retirou ½ litro de sangue do seu corpo, quantidade essa que corresponde, mais ou menos, à quantidade de sangue que uma mulher cis menstrua ao longo de um ano. As ações performáticas foram criadas a partir de um questionamento violento que uma pessoa fez a Effymia [s.d.] *“Una vez una persona me dijo: aunque vos te sientas mujer, te crezcan las tetas, tomes hormonas, te operes los genitales, nunca serás mujer porque no menstruás ni sabés lo que eso significa”*<sup>5</sup>.

Figura 20 – EffyMia, *Siempre Soy Mujer*, performance, 2011.



Fonte: <http://nuncaserasmujer.blogspot.com/>

---

<sup>5</sup> Uma vez uma pessoa me disse: mesmo que você se sinta mulher, seus peitos crescem, toma hormônios, faz cirurgia genital, nunca será mulher porque não menstrua e não sabe o que isso significa. (tradução nossa).

Foram, assim, 13 menstruações que Effymia experienciou ao longo de 1 ano. As ações foram desenvolvidas a partir das experiências que ela vivenciou ao longo desse tempo enquanto gestava parte da sua identidade de gênero. Em uma visão colonial de corpo, menstruar é “privilégio” de mulheres que possuem vulva, e todas as dissidências sexuais que destoam da heteronormatividade do mundo são consideradas sujas, animais, vergonhosas e diabólicas. É fato que ainda precisamos avançar muito em todas essas discussões de corpo, gênero e sexualidade no Brasil e em outros países da América Latina para, então, conseguirmos emancipar nossa sociedade em rumo ao comprometimento com a vida.

Pensa-se, então, em menstruação atrelada a um gênero específico, porque vivemos em uma sociedade que divide e estrutura o mundo de forma binária, entre homens e mulheres, corpo e mente, razão e emoção, público e privado, como nos fala Rita Laura Segato:

Este imaginario establece la relación jerárquica que llamamos “género” como estructura binaria y desigual por la cual la posición masculina secuestra para sí la plataforma de enunciación de verdades de interés universal llamada “esfera pública” y se coloca en la posición de sujeto paradigmático de lo Humano pleno y englobante, en un gesto que expulsa a la po-

sición femenina a la calidad de margen, resto, particularidad, cuestión de intimidad. (Segato, 2014, p. 363-364).<sup>6</sup>

Os acontecimentos cíclicos da menstruação foram atrelados à história das mulheres cis em todas as partes do mundo. A partir disso, não podemos negar que, como sociedade latino-americana, o cristianismo teve um papel muito forte na consolidação da menstruação como tabu. Segundo a Stromquist (p. 109, 2018), “Quando as religiões mais patriarcais surgiram, elas obviamente não queriam que a menstruação tivesse qualquer forma de status religioso e competisse com o divino masculino”. Os tabus menstruais estão na origem das sociedades patriarcais e na chegada dos colonizadores cristãos em *Abya Yala*. Tais tabus renegam qualquer esfera pública às mulheres e violentam espiritualmente seus corpos, criando sentidos repulsivos e punitivos; retiram qualquer aspecto sagrado e divino dos seus corpos como forma de dominação e controle em detrimento da pureza divina masculina. “Talvez seja por isso que há uma agressão tão

---

<sup>6</sup> Esse imaginário estabelece a relação hierárquica que chamamos de “gênero” como uma estrutura binária e desigual pela qual a posição masculina se apodera da plataforma de enunciação de verdades de interesse universal, denominada “esfera pública”, e se coloca na posição de sujeito paradigmático do Humano pleno e envolvente, num gesto que expulsa a posição feminina para a qualidade de margem, resto, particularidade, questão de intimidade. (tradução nossa).

forte contra a menstruação em muitos textos religiosos patriarcais (Stromquist, 2018, p. 109).”

Nesse sentido, podemos encontrar, quando abrimos a Bíblia, livro sagrado do cristianismo, a passagem “As Impurezas da Mulher”, em Levítico, capítulo XV, versículo 19-33, tratando a menstruação como uma das maiores impurezas do corpo de uma mulher. E, após ter sido criada e educada em uma família cristã, pude perceber o quão Levítico estava impresso nas entranhas da minha má-educação menstrual ao longo da minha história de vida. O paradigma bíblico não é uma ideia transmitida ao “pé da letra”, mas que está misturada ao imaginário coletivo brasileiro. Sob essas reflexões, criei uma obra, em que os versículos bíblicos foram impressos em tecidos, (fig. 21-22). Conforme está escrito na Bíblia, costurei uns aos outros, mas, como contraponto a todas essas ideias, criei os meus próprios versículos, a partir das minhas crenças, nomeando-os assim:

*As Purezas da Mulher*. Mulheres, cap. Da vida, versículo 19-33.

19 Quando uma mulher tiver seu fluxo de sangue, escorrerá em média de 3 a 5 dias sangue da sua vagina; qualquer um que a tocar terá contato com ela vivendo seu ciclo. 20 Todo sangue que for expelido mensalmente por sua vagina será menstruação. Esse sangue não é nojento, demoníaco, perigoso ou impuro. Ele não le-

vará você ao inferno e nem a um estado decaído de um corpo. 21 Quem tocar em sua menstruação será porque ela permitiu. Sinta, cheire, toque, isso é apenas a descamação do endométrio. 22 Aquele que tocar em seu corpo sem sua permissão deverá estar ciente que estará cometendo assédio sexual e deverá ser punido sob a lei. Caso não exista lei, deverá ser punido da mesma forma. 23 Aquele que sentir vontade de fazer sexo com uma mulher e ela se encontrar menstruada, faça sexo mesmo assim, a libido de algumas mulheres aumenta quando elas estão menstruadas. Você sentirá prazer da mesma forma. 24 Se alguém dormir e fizer sexo com ela, terá que ser exclusivamente porque ela permitiu, caso não, será estupro. 25 Quando uma mulher tiver fluxo de sangue durante vários dias, isso é natural. Se você for homem e se seu desconforto se prolongar além do tempo, o problema é seu. Elimine a misoginia que existe dentro de você! 26 Todo incômodo que ela sentir, durante todo o tempo do seu ciclo, deverá ser observado com atenção. Se o desconforto persistir, procure uma médica ginecologista ou se alimente dos saberes ancestrais. 27 Qualquer um que tocar em sangue de menstruação estará tocando em sangue de menstruação. 28 Quando ela estiver vivenciando seu fluxo, respeite as sensações e todo o corpo dela. 29 Nos dias que escorrer sangue da vagina, não é para temer o mistério. Se você é ou está muito distante desse sangue, principalmente se você for homem, aproxime-se. 30 As mulheres proporcionarão e exigirão a extinção do patriarcado no mundo como forma de justiça pelas

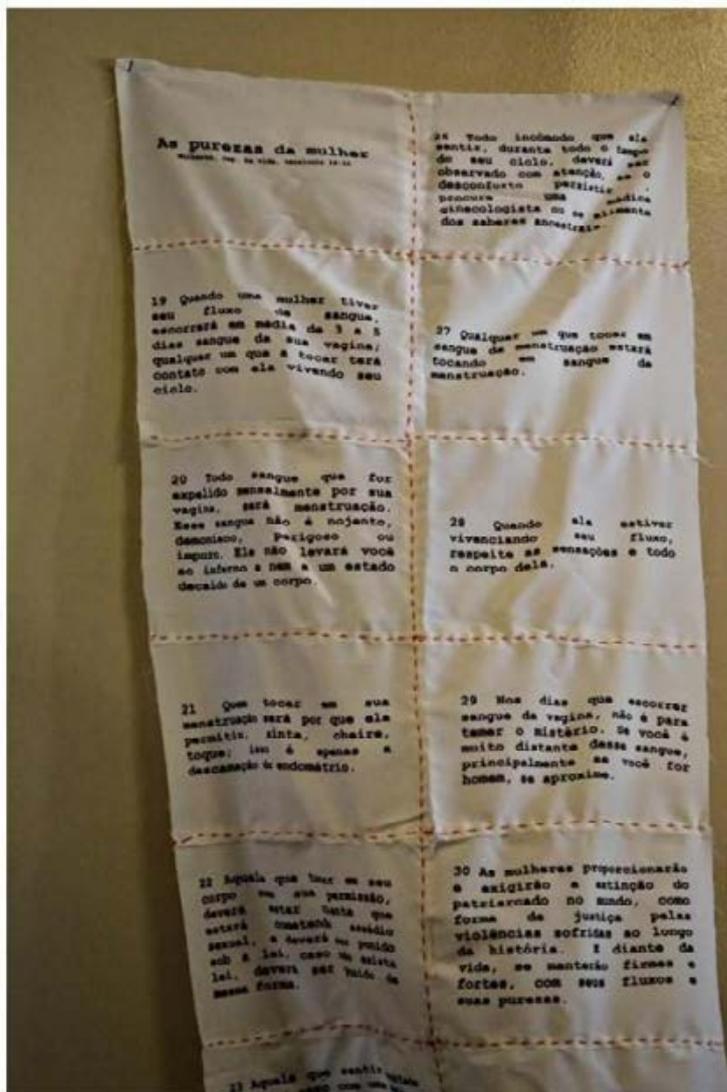
violências sofridas ao longo da história. E diante da vida, se manterão firmes e fortes, com seus fluxos e suas purezas. 31 É assim que ajudareis a se manterem atentos e distantes da violência, do ódio e dos tabus acerca do corpo feminino. O patriarcado já deu errado. 32 Esta é uma lei destinada principalmente aos homens que têm nojo de menstruação e adoram propagar o ódio ou aversão às mulheres. 33 A mulher no tempo de sua menstruação deve se voltar para si, ir à raiz do tabu menstrual e explorar vivências físicas com o sangue. Nossa vulva, nosso sangue, nosso corpo.

Figura 21 – *As purezas da mulher*, instalação, 2019.



Fonte: Própria.

Figura 22 – *As purezas da mulher*, instalação, 2019.



Fonte: Própria.

Escolhi não colocar o texto dos versículos bíblicos pela ampla publicação já existente deles. Percebi, dessa maneira, que os tabus se apresentavam de muitas formas e em diversas partes do mundo. Percebi também a respeito dos versículos que “Qualquer outro fluxo vaginal é considerado puro, inclusive o decorrente de doença venérea, ou a urina. Isso demonstra que as leis de impureza não têm nada a ver com higiene, mas são uma preocupação cúltica (Neuenfeldt, 2000, p. 32)”.

Nesse fluxo de ideias e ações, pude mesclar as histórias, os fatos, as memórias e os conhecimentos que tinha das ervas, dos alimentos, das culturas e dos corpos, e, contudo, não cheguei em um ponto universal sobre a experiência físico-corporal-mental que é estar menstruada. Tentei compreender a menstruação, biologicamente, como a não fertilização dos óvulos, a descamação do endométrio, uma das mudanças que o útero tem ao longo da vida, semelhante às mudanças da gravidez e da menopausa, referenciando Pabla Martin (2015, p. 45) quando ela diz: *“Nosotras ovulamos cada 28 días. Esto es, de 15 a 20 veces por año y por lo menos 300 ciclos menstruales en la vida”*<sup>7</sup>. Já nascemos com todos os nossos óvulos. Entre 16 e 20 semanas de gravidez, o bebê, que ainda se encontra na barriga da mãe, possui cerca de 6 a 7 milhões de óvulos. Esse número cai quando nascemos e, posteriormente, ao longo da vida. É fato também que os nossos óvulos passam por momentos diferentes

---

<sup>7</sup>Nós ovulamos a cada 28 dias, ou seja, 15 a 20 vezes por ano e pelo menos 300 ciclos menstruais na vida. (tradução nossa)

de potencialidade. Quando ficamos mais velhas, no final da nossa vida reprodutiva, o processo de liberação dos óvulos acelera e a sua potencialidade germinativa cai, até chegarmos à menopausa.

Ao longo das nossas vidas pode-se observar que não somos educadas sobre os nossos próprios corpos, não sabemos a diferença dos lábios vaginais, nem por onde sai a urina, nem qual a função do clitóris no nosso corpo. Não entendemos a diferença de vulva e vagina. Como podemos ser educadas durante uma vida inteira sem conhecermos o nosso corpo que iremos carregar até o nosso último dia de vida? Talvez seja a pobreza de informação que resulta em tantas violências e culpas. É triste pensarmos nas informações propagadas pela indústria midiática e pelo governo. Observo, por exemplo, que, recentemente no Brasil, foi criado o Projeto de Lei 4968/2019 para fornecimento e distribuição de absorventes higiênicos nas escolas públicas de ensino médio e de anos finais do ensino fundamental, assim como para presidiárias/apreendidas e pessoas que menstruam em situação de rua. O projeto é da Deputada Federal Marília Arraes (PT-PE) e foi aprovado em primeira instância no senado, ficando somente a cargo do presidente sancionar a PL. O presidente, porém, vetou o projeto de lei e fez chacota a nível nacional com as mulheres.

A pobreza menstrual é um termo transdisciplinar e multidimensional para falar da falta de acesso a conhecimentos, infraestrutura e recursos que muitas mulheres e pessoas que menstruam enfrentam cotidianamente.

- falta de acesso a produtos adequados para o cuidado da higiene menstrual tais como absorventes descartáveis, absorventes de tecido reutilizáveis, coletores menstruais descartáveis ou reutilizáveis, calcinhas menstruais etc., além de papel higiênico e sabonete, entre outros;
- questões estruturais como a ausência de banheiros seguros e em bom estado de conservação, saneamento básico (água encanada e esgotamento sanitário), coleta de lixo;
- falta de acesso a medicamentos para administrar problemas menstruais e/ou carência de serviços médicos;
- insuficiência ou incorreção nas informações sobre a saúde menstrual e autoconehecimento sobre o corpo e os ciclos menstruais;
- tabus e preconceitos sobre a menstruação que resultam na segregação de pessoas que menstruam de diversas áreas da vida social;
- questões econômicas como, por exemplo, a tributação sobre os produtos menstruais e a mercantilização dos tabus sobre a menstruação com a finalidade de vender produtos desnecessários e que podem fazer mal à saúde;
- efeitos deletérios da pobreza menstrual sobre a vida econômica e desenvolvimento pleno dos potenciais das pessoas que menstruam. (UNICEF, UNFPA, 2021, p. 11).

Entendo, agora, que mulheres latino-americanas vivem situações precárias em seus ciclos menstruais, usando miolos de pães, meias, sacolas plásticas, jornais, algodão, papel higiênico, tecidos velhos para estancar e conter seus fluxos. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Fundo de População das Nações Unidas - (UNFPA), falarmos de dignidade menstrual é falarmos de igualdade e equidade de gênero, saúde e bem-estar, promoção da erradicação da pobreza que assola principalmente os países do Sul Global, disponibilidade de água potável e saneamento básico para todas, educação de qualidade que assegure a não perpetuação da violência que recai sobre as mulheres, trabalho decente e digno e crescimento econômico dos países. Também significa consumo e produção responsável e consciente, além do respeito ao meio ambiente como única possibilidade de existência da Terra.

Para mim, o ato de criar diz muito sobre o meu corpo no mundo e quais os sentidos que eu quero dar a ele. Crio para existir e para costurar novas formas de sonhar. Assim, com esses pensamentos, elaborei o projeto de exposição *Ecoa em nós*, que foi fomentado pelo Edital Arte Livre: Edital de Criação Artística do Governo do Estado do Ceará e pela Lei Aldir Blanc de emergência cultural de 2020-2021. O referido projeto possibilitou realizar minha primeira exposição individual, que aconteceu no espaço independente da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, chamado de Quebra Cultural.

Figura 23 – *Ecoa em nós*, 2021.



Folder da exposição. Fonte: Indja.

Figura 24 – *Ecoa em nós*, Material educativo da exposição, 2021.



Fonte: Indja.

A mencionada mostra indicou os múltiplos ecos e vozes que existem dentro do nosso corpo. Como projeto de exposição, aglutinei algumas obras que eu já tinha produzido e outras que estavam em forma de projeto no meu diário processual. Com o apoio financeiro do edital, pude materializá-las. A exposição contou com 7 obras em instalação, fotografia, performance e bordados, programada para acontecer de forma híbrida, ou seja, virtualmente e presencialmente. Porém, devido ao agravamento da pandemia da covid-19, não foi possível acontecer um momento para visitas presenciais agendadas.

Em seu cerne, a exposição *Ecoa em nós* apresentou obras que sensibilizavam e problematizavam a menstruação sob/sobre uma ótica artística. A menstruação foi retirada do lugar comum da vida privada e da esfera do tabu. Passou a ser um sangue que vibra reluzindo tramações políticas e estéticas. É o corpo no mundo criando conduções de micropolíticas e alcançando práticas de deslocamentos. É o lambuzar-se com os fluidos, é o gritar em forma de denúncia, é o enfrentamento ao sexismo, é a ação/movimento que se utiliza de sangue menstrual para produzir imagens no campo das artes.

Interessante observar que a palavra útero foi associada ao longo da história com histeria. Histeria, do grego *hystera*, significa útero. A etimologia da palavra nos revela primeiramente as relações misóginas que os estudos científicos tiveram, ao longo dos séculos, acerca dos órgãos útero-ovários-trompas. A histeria

esteve ligada, durante muito tempo, ao feminino, já que a doença estava sendo associada ao útero. Durante muito tempo, acreditava-se que qualquer manifestação histérica acontecia devido ao mau funcionamento do órgão (o útero). Um bicho que se move, um corpo animalesco que não controla os instintos. A falta de razão ou controle dos impulsos. Na idade média, a palavra histeria foi associada às bruxas, levando várias mulheres à fogueira. Na modernidade, as mulheres que questionavam os valores impostos pela sociedade patriarcal eram taxadas de histéricas. A repressão sexual das mulheres era um dos fatores para considerar que a histeria poderia existir apenas nos corpos femininos.

Nessas perspectivas, a outra obra que trago, em seguida, *A boca do mundo* (2020), vem justamente questionar todos esses estigmas construídos a respeito do útero. Estigmas que, em sua essência, possuem bases machistas e misóginas.

Pude imaginar, então, a América Latina como um grande útero que foi estuprado e violentado. Graças à chegada dos colonizadores brancos-europeus em *Abya Yala*, uma sequência de violências sobre os corpos dos povos da floresta foi instaurada. Foram muitos estupros para, hoje, sermos considerados um território com uma grande miscigenação étnica em todo o mundo. Escorre sangue das nossas entranhas, o sangue natural da menstruação e o sangue da violência, da gravidez não desejada, da língua não compreendida e do aborto aclamado. Foram esses pensamentos que me levaram a tecer a obra já anunciada, *A boca*

*do mundo*, um útero bordado com linhas vermelhas, (fig. 25-26), tecido como quem pensa em narrar uma nova história, semeando a liberdade desse órgão que foi enclausurado e perseguido, culturalmente e cientificamente, por muito tempo. Escorro em fios para ativar, simbolicamente, a serpente e a cobra que existem dentro de mim.

Figura 25 – *A boca do mundo*, instalação, 2020.



Fonte: Própria.

Figura 26 - *A boca do mundo*, instalação, 2020.



Fonte: Indja.

No fluxo de criação dessas obras, observo que a série de fotografia intitulada *Tramas e confrontos* (2020-2021), que trago a seguir, retrata o cotidiano de uma mulher cis menstruada. Nela

estão dispostas as tensões do público e do privado e dos padrões que sustentam a misoginia e o machismo. As fotografias evocam vivências invisíveis e práticas atribuídas ao ambiente doméstico, mas não se limita a isso: elas se insurgem, rompendo fronteiras visuais e traçando memórias individuais-coletivas.

As fotografias foram iniciadas no banheiro. Cenas do meu cotidiano foram cristalizadas por meio da captura da câmera. Utilizei um coletor menstrual que eu já tinha começado a usar há alguns anos. Mudei para o coletor porque sofri várias crises de candidíase. Além disso, sempre me causou incômodo o aquecimento que os absorventes descartáveis produziam em mim. No começo, não consegui me adaptar bem ao copinho. Cheguei a cortar a haste para ver se encaixava melhor. A estratégia, porém, não surtiu efeito. O coletor vazava e causava desconforto. Eu nunca usei OB, então a experiência de colocar algo dentro de mim para sugar-coletar a menstruação era algo desconhecido, até o aparecimento do coletor. Desisti de tentar usá-lo e segui em frente com o sofrimento e a labuta de usar os absorventes descartáveis. Os absorventes não pararam de incomodar e precisei solucionar a questão. Dois anos depois, dei nova chance ao coletor. Dessa vez, acabou dando certo!!! E cheguei à conclusão de que o coletor era uma forma mais econômica de não gastar tanto dinheiro com protetores descartáveis, que, além de tudo, são extremamente poluentes.

Figura 27 – *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020-2021.



Fonte: Própria.

É significativo salientar que o coletor foi o primeiro produto criado pela indústria que não absorve o sangue menstrual, como é o caso dos absorventes descartáveis e o OB. Estes, por meio de uma superfície de algodão e outros materiais, não permitem que o sangue ultrapasse. O coletor ou copinho, como muitas pessoas

chamam, não absorve o sangue, só coleta por meio de uma estrutura de silicone, que é reutilizável.

Enquanto os absorventes industrializados adentravam o cotidiano das mulheres a ponto de se tornarem itens presentes e inevitáveis a cada ciclo a partir da menarca, o coletor menstrual ressurgiu silenciosamente nos Estados Unidos no final da década de 1980. Em um momento no qual havia um público interessado em alternativas ecológicas aos produtos descartáveis – tanto pelos movimentos de ativismo de preservação ambiental quanto pelo pânico promovido por centenas de casos de Síndrome do Choque Tóxico pelo uso de absorventes internos – houve um ligeiro resgate dos absorventes de pano. (Wons, 2019, p. 76).

Observo também que, durante esta pesquisa, descobri que a Síndrome do Choque Tóxico é uma doença que pode afetar qualquer tipo de pessoa, mas está muito relacionada com o uso dos absorventes descartáveis de forma prolongada. A proliferação de bactérias devido ao uso dos tampões está presente na vida de várias mulheres e de pessoas que têm vulvas. É recomendável a troca dos absorventes ou coletores sempre que necessário para evitar a síndrome e outras doenças. A vulva precisa respirar durante o ciclo, estando

menstruada ou não. A imagem abaixo (fig. 28) é a prova desse res-  
piro: uma selfie da minha vulva/vagina com sangue menstrual. Há  
fluidos entre os pelos pubianos, que se misturam com as ondulações  
dos lábios maiores e menores se espalhando pelas pernas.

Figura 28 - *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020.



Fonte: Própria.

Vale ressaltar que o uso massificante dos absorventes descartáveis, em todo o mundo, foi e continua sendo uma revolução na vida das mulheres em pleno século XXI. Com esses dispositivos descartáveis o lema era: “Usou, jogou fora!”. Mais uma mercadoria descartável que o sistema capitalista produz. Só não contávamos

com a problemática ambiental que isso provocaria, como já sinalizei no parágrafo anterior. “Se considerarmos que, apenas no Brasil, existem hoje mais de 62 milhões de pessoas em idade menstrual, chegamos ao número alarmante de mais de 12.000 toneladas de absorventes jogados fora todo mês (Korui, sf).”

Como já abordei, muitas mulheres passam por dificuldades corporais, sociais, econômicas e culturais, em todo o planeta Terra, quando estão menstruadas. Ao falar sobre coletores menstruais, é importante salientar a democratização do seu uso. Um coletor, atualmente, custa de 40 a 80 reais, e um absorvente descartável custa em média de 4 a 5 reais o pacote. Há uma discrepância evidente entre os valores quando pensamos nos gastos mensais. Quando, porém, paramos para pensar que pessoas que têm útero têm em média 450 ciclos menstruais ao longo da vida, essa discrepância se torna quase inexistente. Um coletor menstrual tem durabilidade de 10 anos, e os dispositivos descartáveis são usados e trocados diariamente. “Considerando estes números, estima-se que sejam usados 10.000 absorventes durante toda a idade fértil. Se considerarmos um custo médio de R\$ 0,60 por absorvente, chegamos ao valor alarmante de R\$ 6.000,00! (Korui, sf).” Há também pessoas que nem se adaptam aos coletores e nem aos absorventes descartáveis, e fazem uso das calcinhas menstruais e dos absorventes ecológicos ou absorventes reutilizáveis.

Por essas reflexões, considerando que a menstruação é um acontecimento complexo, que envolve muitas situações, não po-

demost impor uma maneira de se comportar para cada pessoa, nem impor quais dispositivos devem ser usados. Não há obrigações e não há regras quanto a isso. O importante é se acolher da maneira mais confortável possível. Eu me acolho no uso dos medicamentos farmacêuticos quando sinto muita dor, nos banhos de assento com água morna e nas ervas, aliviando e relaxando um pouco. Tomo chá e, às vezes, mesmo sabendo que o doce e o carboidrato não auxiliam nas dores, eu me joga nas frituras e no brigadeiro de panela. Todas essas experiências me levaram a criar as obras que apresento a seguir:

Figura 29 – *Tramas e confrontos*, fotografia, 2021.



Fonte: Bernardo Cará.

O banheiro, para mim, é mais do que um espaço para realização da higiene do corpo ou das necessidades fisiológicas, é uma extensão do meu ateliê criativo. Nesse lugar, vejo o sangue escorrer, nele me lambuzo, nele faço os banhos de assento contra as dores menstruais e as inúmeras crises de candidíase de repetição que já vivenciei. O banho de assento diz muito sobre mim e sobre todas as pessoas. Prática ancestral de cura que a ginecologia natural nos possibilita, podemos realizar o banho de assento por meio da vaporização ou pelo banho de imersão. As ervas têm que ser preparadas para o banho por infusão ou decocção/cozimento. A imagem acima (fig. 29) integra a série intitulada *Tramas e confrontos*.

A obra *Na mata de baixo uma noite escura – as nossas vulvas dançam faíscas* (2020) é um livro feito de tecido, que foi criado a partir de exercícios propostos quando cursei a matéria do mestrado Gestos Artísticos em Tempos de Crise. O livro foi pensado como gesto artístico a ser revelado em forma de experimentações, envolvendo o meu cotidiano e o movimento corporal que produzi.

O livro apresentou fragmentos encontrados no dia a dia, como pelos pubianos cortados, ervas de camomila triturada, menstruação sob tecidos, impressões com acetona, bordados com imagens de vagina, xícaras e palavras que entrecruzam a poética de existir. A cura, a dor, o sagrado, a raiva, a força são acontecimentos que impulsionam a ciclicidade dos corpos que mens-

truam. É por meio desses ângulos visuais que buscamos ancorar os olhos nas faíscas do tempo, longe do machismo e do sexismo.

Figura 30 – *Na mata de baixo uma noite escura – as nossas vulvas dançam faíscas*, livro de artista, 2020.



Fonte: Própria.

Nomeei assim o livro pensando no quanto, ainda hoje, as vulvas são consideradas misteriosas, obscuras e melindrosas. Dançamos faíscas porque corre um rio entre nossas pernas, e esse rio não pode ser considerado morto.

Figura 31 – *Na mata de baixo uma noite escura- as nossas vulvas dançam faíscas*, livro de artista, 2020.



Fonte: Própria.

Figura 32 – *Na mata de baixo uma noite escura – as nossas vulvas dançam faíscas*, livro de artista, 2020.



Fonte: Própria.

Dessa forma, atravessei o medo, a dor, a violência, e afirmo: VIVA, VULVA, VIVA! Assim, acondicionei, em umas das páginas do livro, um saquinho com pelos pubianos, deixando também vestígios de menstruação ao longo dele, na intenção de contrapor toda essa lógica de “limpeza” do corpo.

# ENTRE A TRAVESSIA DOS RIOS, HÁ DOIS OLHOS

Já a obra *Ninhos*, 2021, surgiu na perspectiva de pensar as relações dos ninhos com o útero e dos ovos com os óvulos, pois se aninhar é fazer morada, abrigar-se é acolher-se. O rito de passagem dos ciclos acontece em toda a natureza. A instalação é composta por 12 ninhos, a quantidade de meses e ciclos que temos ao longo de um ano. Os nossos úteros se preparam para o rito, assim como os ninhos são construídos para abrigar os ovos.

Figura 33 – *Ninhos*, instalação, 2021.



Fonte: Lívio Apenas.

Construí os óvulos/ovos com sangue menstrual, estopa e atadura gessada. O sangue fica bem escuro após entrar em contato com o oxigênio e com as bactérias que vivem fora do corpo. A terra

simboliza de onde viemos e para onde iremos regressar. A relação entre sangue e terra é muito presente para quem semeia observando as fases da lua, ou seja, para quem tem o hábito de alimentar a terra e as plantas com a menstruação. “Plantar a lua” significa nutrir a terra mãe e se conectar com ela por meio da sua ciclicidade, pensando o movimento da Lua e do corpo. A ginecologia natural recupera esse rito que era bem difundido pelos povos tradicionais de *Abya Yala*: “o sangue menstrual era depositado na terra para torná-la mais fértil, era celebrado como período de confraternização e trabalho espiritual das mulheres, ou ainda em ritos de passagem de meninas na primeira menstruação (Moura, online)”.

Figura 34 – *Ninhos* (detalhe), instalação, 2021.



Fonte: Própria.

Abrigar os ciclos tem sido uma questão de pensar o lugar da memória no corpo e as relações entre memória e útero. Fiz os óvulos como forma de abrigar a minha dor, de aninhar os meus ciclos. Após ser diagnosticada pela medicina tradicional com endometriose, o médico me receitou anticoncepcional para parar de menstruar. Não fui adiante nas recomendações por não acreditar que o uso das pílulas fosse me curar de algo que, aparentemente, me corroía por dentro. Acolher-me em ninhos, assim como fazem os pássaros, foi uma forma de respeitar o meu tempo uterino.

Figura 35 - *Ninhos* (detalhe), instalação, 2021.



Fonte: Própria.

Outra prática que trouxe à tona conceitos para minha obra foi a prática do escalda-pés, que consiste na imersão dos pés e do

tornozelo em uma bacia com ervas e óleos essenciais. O banho de pés, como também pode ser conhecido, é uma prática milenar de purificação e conexão com o corpo, servindo para aliviar sintomas de estresse, dor, cansaço, nervosismo, eliminar algumas toxinas, entre outras coisas. Esse rito faz parte dos conhecimentos transmitidos pela oralidade que os nossos mais velhos deixaram. São práticas de cura e hábitos de autocuidado. “Cura ou práticas que minha vó me ensinou” é uma instalação de 2021, que tem como ponto de partida os ensinamentos que minha avó paterna, Miriam, me ensinou ao longo da vida.

As relações entre arte e vida se tornam presentes. A obra resgatou energias associadas à bruxa anciã, que existe em todas nós mulheres. Também libera e reveste todo o conhecimento transmitido pela oralidade que as feiticeiras, as mães, as avós, as rezadeiras e bezinheiras germinaram ao longo dos séculos. A prática do escalda-pés existe há mais de 6 mil anos na história da humanidade e está presente em diversas culturas, religiões e rituais. Na medicina chinesa, por exemplo, os pés são uma parte do corpo que deve ser cuidada, não só por ser responsável pelo equilíbrio, mas por ser uma região que conecta a várias partes do corpo. Os pés nos conectam a terra e a todas as frestas internas do nosso corpo, desde os órgãos internos até os pontos meridianos de entradas e saídas de energias.

O rito que envolve os pés é também uma prática terapêutica que está associada ao conhecimento das ervas, óleos, sais e temperaturas que podem auxiliar no bem-estar e na saúde do

corpo. A prática auxilia no alívio de dores e estresses, melhora a circulação sanguínea, repõe energias e causa relaxamento, e, para mim, tornou-se arte.

Figura 36 – *Cura ou práticas que minha vó me ensinou*, instalação, 2021.



Fonte: Própria.

Criei, nesse trabalho, um varal de ervas suspensas como forma de energizar os corpos que passarem por ali. As ervas dispostas nos varais são ervas sagradas que são utilizadas para afastar mau-olhado, quebranto, além de servirem para atrair boas vibrações. A instalação *Cura ou práticas que minha vó me ensinou* é uma obra de 2021, que possui 4 metros de comprimento por 2,5 metros de largura, podendo ser exposta de maneira interativa, ou não.

Figura 37 – *Cura ou práticas que minha vó me ensinou*, instalação, 2021.



Fonte: Própria.

Figura 38 – *Cura ou práticas que minha vó me ensinou*, instalação, 2021.



Fonte: Própria.

# TRANSBORDAR EM FRESTAS



TRANSBORDAR EM FRESTAS

## DIA 9. 1ª MENSTRUACÃO

quando virei mocinha  
não teve luxo  
não teve pompa  
só as trompas  
anunciando sangue  
“será vermelho seu caminho  
pisado quando roxo  
sempre novo  
mês a mês  
por entre as pernas  
escorrerão as partes”

então vieram os modes  
as modas, os modos  
de cruzar os pés  
maquiar a boca  
calar palavra  
“mocinha diz sempre pelo avesso  
faz ciúmes esconde o jogo  
olhar oblíquo atrás do moço”  
(nem ouço, ouso)

“conselho dobrado no sutiã  
santo virado pra baixo”

pra mocinha não levo jeito  
falta mão  
sou seios livres  
sem fotodepilação

dos saltos  
só conheço os que fazem voar  
tenho fúria muita  
e infâmia sem pesar

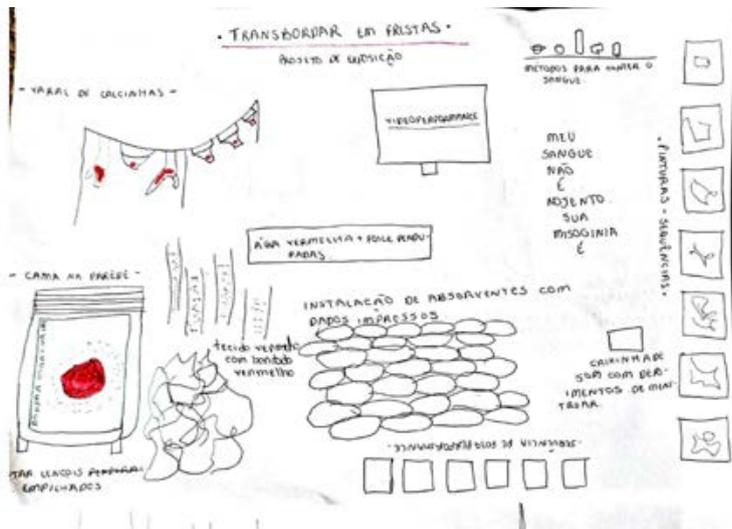
quando virei mocinha  
me queriam abas  
patas-fincadas  
mas sou ave rapina  
do anjo  
roubei as asas.

Luiza Romão

Início esta terceira e última fase apresentando as últimas obras que fecham esse ciclo que me fez “Transbordar em frestas”. Escrever reflexões sobre o imaginário é como elucidar um novo tempo, criar o tempo e dançar com ele. Foi assim que transbordei nas frestas que passaram por mim. Imaginei o meu corpo como uma fresta do inacabado, do oculto, do não dito, do ecoado e de algo que se dissipa nesse grande aglomerado de “imagens-textos” e imagens criadas. Comecei a desenhar as obras e escrever sobre elas enquanto vivenciava os últimos ciclos menstruais do ano de 2022. Era setembro, e eu estava em rio, correndo entre vermelhos e pisando na quase primavera. Então, criei e narrei uma nova origem para o mundo, bebi a lua vermelha, aproximei-me da menstruação em discussões decoloniais de corpo, território, cultura e política.

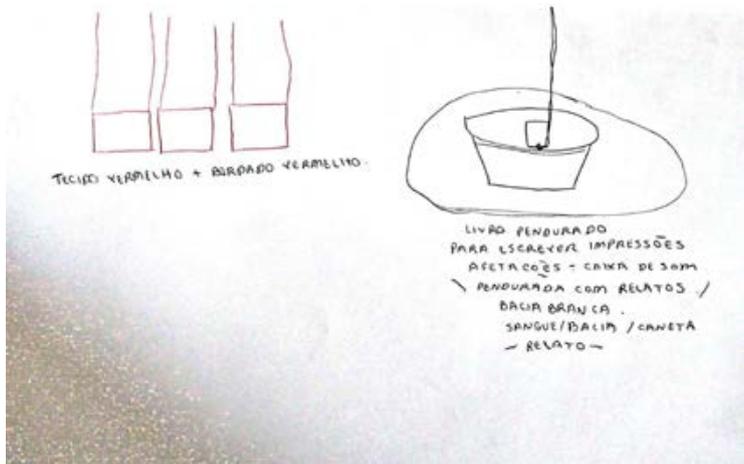
Decidi, por fim, realizar uma exposição final na qual estivesse presente as novas obras que estavam sendo desenvolvidas pós-qualificação. Em discussão com Viga Gordilho, minha orientadora, falamos sobre as obras e apresentei essas tramas exo-gráficas da exposição *Transbordar em frestas*, que, na época, ainda não tinha lugar para acontecer, presencialmente, por conta da pandemia, mas que o desejo transbordou na vontade de acontecer presencialmente. O desenho da exposição começou com um aglomerado de obras que poderiam ser fecundadas para estarem em um espaço expositivo, porém, junto à minha orientadora, encontrei um lugar de fertilidade e acolhimento curatorial.

Figura 39 – Estudo inicial para a exposição *Transbordar em frestas*, 2022.



Fonte: Própria.

Figura 40 – Estudo inicial para a exposição *Transbordar em frestas*, 2022.



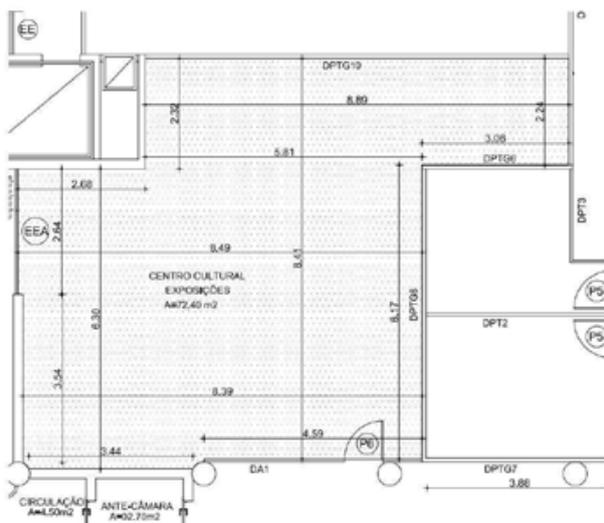
Fonte: Própria.

Desenvolvi esse desenho e apresentei ele como primeiro projeto de visualidades a serem fecundadas ao longo do percurso. Enxugamos o projeto e construímos uma linha poética que juntasse as obras, a fim de produzir um diálogo entre elas. Como os trabalhos são obras que falam sobre violência e tabu, decidiu-se construir a exposição partindo de três conceitos: o “vermelho”, pensando no sangue que me move, o “incômodo”, que se apresenta como afetividade física e patriarcal, e o terceiro conceito foi a “leveza”, por trazermos aos olhos o sangue silenciado.

Resolveu-se deixar, assim, as obras suspensas, em analogia aos varais de lençóis, objetivando maior fluidez, enquanto outras obras foram/eram produzidas no espaço da rua, da casa, do banheiro (meu grande ateliê performático).

Nessa perspectiva, em meio/final de uma pandemia, após muitas buscas por espaços, consegui uma pauta no Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB, em Juazeiro do Norte-CE. A exposição aconteceu em fevereiro de 2023, permanecendo até abril do respectivo ano. A galeria fica situada no 4º andar do prédio, no Centro da cidade de Juazeiro do Norte. Para melhor entendimento da expografia, segue abaixo a imagem da planta baixa.

Figura 41 – Planta baixa da galeria do 4º andar do Centro Cultural Banco do Nordeste, 2022.



Fonte: Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB.

Com isso, comecei a organizar os trabalhos desenvolvidos e o projeto curatorial e expográfico. Resolvi colocar 11 trabalhos nesta exposição. Obras em performance, pintura, instalações, fotografias e bordados. Parte das obras foram inéditas, e outras entraram por motivos de diálogos-poéticos curatoriais. As obras apresentadas foram *Encarnemo-los pelos tecidos* (2017), *Tramas e confrontos* (2020 – 2021), *Ninhos* (2020), *A boca do mundo* (2020), *Passagem* (2022), *naqueles dias não são mais aqueles dias* (2022), *eu, tu, nós* (2022), *Selfie de uma tarde quente* (2023), *Primeira Pessoa* (2022 – 2023) *As purezas da mulher* (2019) e *Travessia* (2023).

Figura 42 – Flyer da exposição *Transbordar em frestas*, 2023.



Fonte: Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB.

Escolhi pintar todas as paredes da galeria de vermelho, já que parte dos trabalhos tinha muitos elementos e cores brancas. Todas as obras ficaram em paredes, e a montagem aconteceu nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro de 2023. Contei com a artista Suyane Oliveira (Soupixo) na montagem, e, juntas, conseguimos dispor os trabalhos de maneira leve, confortável e sangrenta.

O texto curatorial e a arte em plotagem foram realizados por mim, adequando-se à parede, de cima a baixo, sendo disposta na primeira parede à esquerda de quem entra na galeria. Fiz duas propostas e optei pela arte que tem o nome da exposição ao lado do texto, para que ficasse mais fluido para o espectador/fruidor, como ilustram as figuras 43, 44, e 45.

Figura 43 – Arte em plotagem da exposição, 2023.



Fonte: Própria.

Figura 44 – Exposição *Transbordar em frestas*, 2023.



Fonte: Própria.

Figura 45 – Exposição *Transbordar em frestas*, 2023.

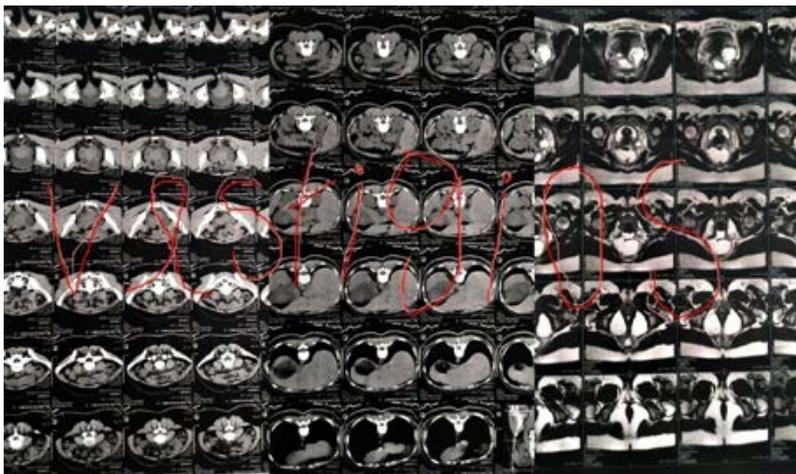


Fonte: Própria.

*Primeira pessoa* (fig. 47, 48 e 49) foi uma série de pinturas abstratas que desenvolvi ao longo do ano de 2022-2023, partindo do lugar do confuso, do suspenso e daquilo que não se vê dentro da gente.

Comecei a pintar, mensalmente, quando retirava o coletor de dentro do meu canal vaginal. Imaginar o sangue escorrendo pelo esgoto do banheiro dava um aperto no meu peito. A pintura sempre foi uma das técnicas, dentro da história da arte, consideradas clássicas. O seu cânone sempre representou, para mim, o que há de mais difícil como técnica e história. Desafiei-me a buscar o que tinha de fundo dentro de mim, e uma das coisas que se formavam no meu interior, como forma abstrata do meu endométrio, que estava sendo afetado por uma endometriose profunda.

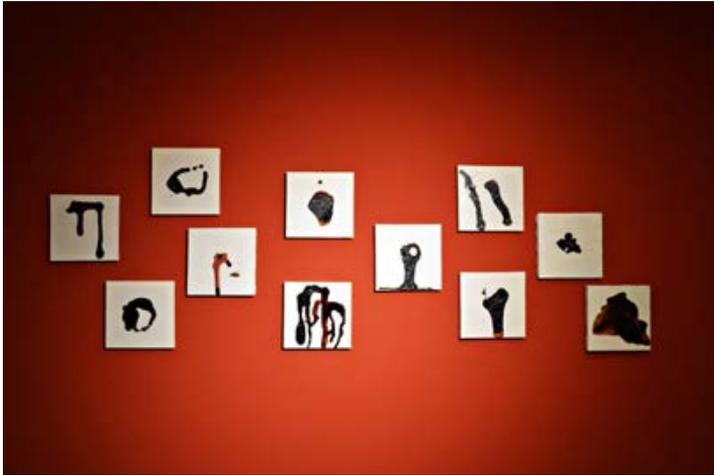
Figura 46 - Imagens do exame que detectou endometriose profunda, 2022.



Fonte: Própria.

As formas iam se desenhando de acordo com o processo inflamatório que tomava conta do interior do meu corpo. Recebi o resultado da ressonância magnética da pelve feminina (fig. 46) que havia realizado e, quando abri, me deparei com aquelas imagens em azul com preto, que são clássicas nos exames médicos. Lá, pude observar como era meu interior: as coisas lá dentro fazem tudo aqui fora estar vivo. Para a medicina convencional, a endometriose é “caracterizada pela presença de tecido funcional, semelhante ao endométrio, localizado fora da cavidade uterina, mais comumente no peritônio pélvico, nos ovários e septo reto vaginal (Andrea Nácul e Poli Spritze, 2010, p. 299)”. O estrogênio é o hormônio responsável pelas células endometriais, e, geralmente, para quem tem endometriose, é recomendado um tratamento com uso de anticoncepcionais hormonais que inibem a produção de FSH e LH, fatores responsáveis pelo crescimento do folículo ovariano e da menstruação, mensalmente. A lógica dos tratamentos da endometriose é inibir ou parar a menstruação para que a inflamação fique contida e não chegue a se desenvolver de maneira grave. Foi a partir dessa visualidade que comecei a pintar a série abaixo, já referenciada *Primeira pessoa*, composta por 11 pinturas de sangue menstrual sobre tela, com dimensões de 20 cm x 20 cm.

Figura 47 - *Primeira pessoa*, pintura, 2022 - 2023.



Fonte: Própria.

Figura 48 - *Primeira pessoa*, pintura, 2022 - 2023.



Fonte: Própria.

O sangue foi disposto em formatos circulares sobre a tela ou escorrendo como quem escorre dentro do canal vaginal. Pintar com sangue foi uma das coisas mais estranhas e, ao mesmo tempo, confortável. Com esse trabalho, fiquei refletindo sobre a história da pintura e como essa técnica sempre chegou, para mim, como sagrada, como algo a ser contemplada.

Observo que os materiais tradicionais das artes plásticas nunca me interessaram muito, sempre gostei de objetos, de coisas no espaço que remetessem ao cotidiano, ao visceral, à violência, aos tabus e aos silenciamentos. Pintar com sangue retirou a sacralidade da pintura que eu carregava há anos, e me fez pensar em como a arte contemporânea abre fendas e frestas para misturarmos materiais e outras materialidades na produção de obras. Para a realização das pinturas, foram misturados fluidos vaginais com sangue e água.

Figura 49 – *Primeira pessoa*, pintura, 2022 – 2023.



Fonte: Própria.

# MEU SANGUE NÃO É NOJENTO, SUA MISOGINIA É

Desenhar essas formas abstratas me fez ficar atenta sobre o tempo da inflamação, o não cuidado, o não visto e a coisa que vai criando forma sem você dominar. O que há por dentro sustenta o que há visto por fora. Por outro lado, é de suma importância percebermos que a menstruação está totalmente vinculada às políticas públicas de saúde criadas nos países. A saúde menstrual no Brasil ainda é um tema pouquíssimo abordado, o que faz dele um tema marginalizado, e isso resulta na má informação, na negligência das coisas sentidas, na falta de acompanhamento por profissionais especializados no assunto. A respeito dessa discussão, Eugenia Tarzibachi (2017, p. 44) nos fala que: “La naturalización del

dolor menstrual es uno de los rasgos más llamativos que nos privan de tener diagnósticos tempranos de enfermedades ginecológicas como la endometriosis<sup>8</sup>.

Falar de arte com menstruação ou arte menstrual é intimidar as estruturas sólidas do patriarcado, pois colocamos o corpo no centro da produção criativa e das discussões contemporâneas.

Si bien nos interesa indagar sobre qué es el arte menstrual, es importante mencionar las diferentes formas en las que la menstruación se ha presentado como tema principal para la realización de una obra artística desde diferentes geografías. Las producciones han sido ejecutadas por mujeres feministas, a veces desde una postura personal e íntima y otras veces con clara intención de denuncia social, pero siempre con un sentido notablemente político, crítico y creativo. De acuerdo con esta idea pudimos constatar, en la búsqueda sobre “arte menstrual” en internet, producciones artísticas que no sólo usan la sangre menstrual de diferentes formas

---

<sup>8</sup> A naturalização das dores menstruais é uma das características mais marcantes que nos impedem de ter diagnósticos precoces de doenças ginecológicas, como a endometriose. (tradução nossa).

como tintura, sino que incluyen también alusiones simbólicas de la sangre, los ciclos y las fases menstruales. (Angeles, 2019, p. 43).<sup>9</sup>

Como pesquisadora, percebi que a menstruação está muito ligada às questões sociais de denúncias, visibilizações e tensionamentos sexuais e de gênero. São ações estéticas que partem de ações corporais, vinculadas a contextos históricos e sociais. A arte com menstruação pode ser considerada uma busca criativa por meio dos processos corporais que resgatam intimidades, crenças, ritualizações, naturalizações, questionamentos sobre o olhar da ciência e do Estado.

E foi por meio da reflexão sobre a denúncia social que criei a performance *naqueles dias não são mais aqueles dias* (2022), que, em seu título, faz referência ao constrangimento coletivo e individual de falar que está sangrando. Quem nunca usou a expressão “estou naqueles dias” para justificar alguma ação ou

---

<sup>9</sup> Embora nos interesse investigar o que é a arte menstrual, é importante mencionar as diferentes formas em que a menstruação tem sido apresentada como tema principal para a realização de um trabalho artístico de diferentes geografias. As produções têm sido executadas por mulheres feministas, ora a partir de uma postura pessoal e íntima, ora com clara intenção de denúncia social, mas sempre com um sentido notadamente político, crítico e criativo. Seguindo essa ideia, pudemos verificar, na busca por “arte menstrual” na internet, produções artísticas que não só utilizam o sangue menstrual de diversas formas como tinta, mas também incluem alusões simbólicas ao sangue, aos ciclos e às fases menstruais. (tradução nossa).

informar que está passando por um processo biológico de desprendimento do endométrio.

Figura 50 – *Naqueles dias não são mais aqueles dias*, performance, 2022.



Fonte: Bernardo Cará.

Essa performance aconteceu em São Paulo, em um dos bairros mais elitistas da cidade, chamado Itaim Bibi. A ação começa quando a *performer* começa a caminhar pelas ruas com um vestido todo branco feito, exclusivamente, de absorventes descartáveis, aqueles mais comuns, que boa parte da população brasileira usa. O vestido foi costurado à mão, e, nos pés, “personalizei” minha sandália com absorventes enrolados, iguais àqueles que são arremessados nos lixos dos banheiros.

Figura 51 – *Naqueles dias não são mais aqueles dias*, performance, 2022.



Fonte: Bernardo Cará.

A princípio, quando idealizei a performance, eu tinha pensado em usar sangue, batom e acessórios vermelhos que impactassem o espectador que também estivesse na rua no momento da ação. Porém, desisti quando cheguei à conclusão de que o vestido era impactante por si próprio e de que eu deveria fazer a ação de rosto limpo sem maquiagem, acessórios ou qualquer coisa que chamasse atenção. Será que eu poderia me vestir no frio de 13 graus com absorventes? O que eu estava querendo absorver? Não havia sangue, não havia calcinha para ser suporte de qualquer fluido que pudesse descer do canal vaginal.

Como já pontuei, a menstruação não é apenas o ato de descer o sangue. Ela é mais: é todo o ciclo hormonal-mental-cultural-social que vivemos. O corpo biologicamente se prepara, ao longo de todo o mês, para que o sangue possa escorrer. O sangue não é nada mais nada menos que a morte de um óvulo. Sim, celebramos a vida e a morte mensalmente. Eu morro e renasço a cada ciclo. Reinvento-me e procuro habitar esse corpo de uma outra maneira, respeitando os sentidos e desenhando outras formas de compreensão de gênero nos âmbitos sexuais e territoriais.

Figura 52 – *Naqueles dias não são mais aqueles dias*, performance, 2022.



Fonte: Bernardo Cará.

A construção da roupa da ação *Naqueles dias não são mais aqueles dias* (2022) realizou uma operação de resgate da menina Williana, que escondia os absorventes na bolsa ou no bolso da calça para que a escola não soubesse que ela estava menstruada. Criar essa roupa foi tirar todos os absorventes daquela imensa bolsa vergonhosa que carreguei durante muito tempo, foi dar voz à menina constrangida que agora caminhava pelas ruas de uma das maiores cidade da América Latina, “absorvendo” os tabus escancarados nos rostos das pessoas que por ali transitavam.

Figura 53 – *Naqueles dias não são mais aqueles dias*, performance, 2022.



Fonte: Própria.

A ação durou, em média, 1 hora e 30 minutos, e o percurso se dava passando por restaurantes e padarias caríssimas, farmácias, bancas de jornais, prédios residenciais, pontos de ônibus, e, em toda a trajetória que fiz nessa tarde, eu não fui abordada por ninguém.

La intervención en espacios públicos de cualquier índole convierte las obras, de forma estratégica, en mecanismos para denunciar la invisibilización a que ha sido confinada la menstruación. La exposición pública es, por tanto, uno de los elementos que retomamos para la construcción de la herramienta llamada menstruartivismo. (Angeles, 2019, p. 46).<sup>10</sup>

As pessoas olhavam firmemente quando eu estava longe e, quando ia me aproximando, elas desviavam o olhar. Traçar novas rotas para o olho é uma forma de choque, de querer *desver*. Era isso o que eu sentia. Estava um dia frio, e os absorventes em formato de vestido não aqueciam o meu corpo da

---

<sup>10</sup> A intervenção em espaços públicos de qualquer natureza transforma as obras, estrategicamente, em mecanismos de denúncia da invisibilidade a que tem sido confinada a menstruação. A exposição pública é, portanto, um dos elementos que retomamos para a construção da ferramenta denominada menstruartivismo. (tradução nossa).

mesma maneira que aqueceram durante muito tempo minha vulva. Isso era uma das coisas que eu mais tinha horror, o calor que o absorvente deixava.

Figura 54 – *Naqueles dias não são mais aqueles dias*, performance, 2022.



Fonte: Bernardo Cará.

Figura 55 – Vestido da performance *Naqueles dias não são mais aqueles dias*, performance, 2022.



Fonte: Própria.

São os vestígios e as marcas que nos fazem humanos. É por meio destes vestígios e marcas que criamos memórias em nossas

vidas. São lacunas de memórias. São partes impressas e acontecimentos que fazem da gente, quem a gente é. Foi pensando nisso que a obra *Selfie de uma tarde quente* (fig. 56) surgiu, em 2023, na perspectiva de tencionar a sexualidade/sexo e os tabus acerca da menstruação. Essa *selfie* no espelho do banheiro foi capturada após uma relação sexual na qual eu me encontrava menstruada. O gozo e a menstruação se misturam na projeção entre barreiras do látex e das entranhas que existem em nosso corpo. Há um nojo social compactuado do que vem de dentro: “mijo, merda, catarro, baba, menstruação e gozo” são os excrementos de um copo que vive, que acontece e que pulsa.

Dizem que sexo e menstruação não combinam. Quem nunca ouviu ou falou que não podia transar porque estava sangrando? A vontade de fazer sexo mestruada varia de corpo para corpo. Algumas pessoas sentem prazer e outras realmente não. Isso pode variar de acordo com o seu ciclo, seus afetos e emoções. O que não podemos negar é que vivemos em uma sociedade repleta de tabu, assim como já falamos nos capítulos anteriores, e a menstruação é compreendida no ocidente como algo nojento. Então, quem se deitaria para trocar intimidades sexuais com um corpo que produz algo nojento? A lógica é essa. Mulheres cis fogem, muitas vezes, do sexo falando que estão menstruada, às vezes, sem estar. Mas isso se tornou uma desculpa para afastar homens escrotos ou simplesmente para afirmar que não há vontade de fazer sexo naquele momento.

Figura 56 – *Selfie de uma tarde quente*, fotografia, 2023.



Fonte: Própria.

Experimentar fazer sexo menstruada para muitos funciona também como método anticoncepcional. O que sabemos é que isso não é real. Precisamos nos prevenir da gravidez indesejada e das infecções sexualmente transmissíveis. De acordo com Maria Inês Pagano Gasperini (1999, p. 163): “Apesar de um número bem maior destas mulheres revelar desejo sexual nesta época, alegavam que, por “nojo” ou “vergonha”, não se sentiam à vontade para o ato sexual”. Lembro que uma vez saí com um homem e, na hora do sexo, minha menstruação desceu. Foi um horror. Fiquei muito constrangida, pois ele, berrando, mandou eu sair da sua cama, mandou eu ir me lavar e disse que eu tinha sujado tudo e estragado todo o nosso momento.

Figura 57 – *Selfie de uma tarde quente*, fotografia, 2023.



Fonte: Própria.

Carreguei aquela culpa durante muitos anos e tive fortes bloqueios sexuais. O grito, muitas vezes, rasga a gente por dentro. O grito é violento. Só depois de muito tempo, percebi que não foi eu e nem meu corpo que estragaram tudo, mas, sim, a misoginia que ele carregava dentro de si. “Ainda hoje, é muito grande o peso e as limitações que os tabus menstruais impõem à conduta sexual das pessoas.” (Maria Inês Pagano Gasperini, 1999, p. 163). *Selfie de uma tarde quente* é um díptico de uma mesma fotografia com aproximações diferentes. É um cenário de prazer, é a *selfie* segurando uma camisinha usada. A tarde estava quente, e eu também.

É importante lembrar que a sexualidade das mulheres cis, durante muitos séculos, foi limitada à função de reprodução da

espécie. Só no século XX, com os avanços dos estudos da medicina, a sexualidade da mulher cis rompe esse limite. Podemos perceber, então, um corpo apto, também, ao prazer. Com os avanços dos métodos anticoncepcionais e dos preservativos, hoje as mulheres podem escolher se querem, ou não, menstruar e engravidar. Ao longo de toda esta pesquisa, eu quis visibilizar a menstruação para torná-la viva e natural. Essa é uma tarefa cotidiana de construção de imagens e projetos performáticos.

Figura 58 – Parede com as obras *Selfie de uma tarde quente, fotografia, 2023*. *Desespero, pintura, 2022*.



Fonte: Própria.

A exposição *Transbordar em frestas* foi minha segunda exposição individual e foi extremamente importante para me localizar

dentro desse espaço e tempo do ser artista-pesquisadora-educadora no meio da pandemia. As produções foram amadurecendo, a escrita foi ficando condensada em ritmos e constâncias diferentes. Realizar essa exposição para finalizar o mestrado foi retirar os trabalhos de dentro da casa/ateliê e os projetos do papel. Foi criar e desenvolver uma expografia que me deixasse feliz, com esse vermelho forte, que acolheu e convidou os olhos para entrarem nesse grande útero-sala onde os trabalhos foram abrigados. Trazendo agora a obra “*Desespero*” (fig. 59), tríptico resultado de uma performance cotidiana que é sentir desespero de dor com cólicas menstruais. O trabalho foi realizado em 2022, no qual utilizei meu sangue, aplicando-o em algumas partes do meu corpo e, em seguida, imprimindo-o no papel Canson.

Figura 59 – *Desespero*, pintura, 2022.



Fonte: Própria.

Figura 60 – *Desespero*, pintura, 2022.



Fonte: Própria.

Figura 61 – *Desespero*, pintura, 2022.



Fonte: Própria.

Já a série *Passagem* (fig. 62), que apresento agora, é uma instalação feita com 20 calcinhas de diversos modelos e tamanhos, todas manchadas de sangue. Esse trabalho é parte do processo que vaza, tudo vaza. A roupa que vestimos no cotidiano é parte da performance de vida do ser humano. Nós nos vestimos não só por causa do frio ou do calor. A estética ganhou força no mundo da moda e das vestimentas, e as calcinhas fazem parte do que chamamos de roupa íntima. Sempre fiquei intrigada com o que é íntimo e o que não é. O contrário de íntimo seria a coisa pública? Íntimo é o que nem todo mundo vê, é o que não é permitido para todos. As roupas íntimas, assim como tudo no ocidente, são divididas pelo binarismo de gênero. Existem roupas íntimas femininas e masculinas. As calcinhas, no caso, são associadas às mulheres e ao feminino.

Figura 62 - *Passagem*, instalação, 2022.



Fonte: Própria.

A equidade de gênero, em toda a América Latina, caminha a passos curtos, com governos políticos que retrocedem nas políticas públicas que envolvem gênero e sexualidade. Uma das questões pouco faladas em todos esses países é sobre a dignidade menstrual, que está intimamente ligada à dignidade humana. Segundo uma pesquisa realizada pela UNICEF (2021) com pessoas que menstruam, “62% afirmaram que já deixaram de ir à escola ou a algum outro lugar de que gostam por causa da menstruação, e 73% sentiram constrangimento nesses ambientes”.

Figura 63 - *Passagem*, instalação, 2022.



Fonte: Própria.

O constrangimento é uma palavra e uma sensação que todo corpo que menstrua já usou e sentiu. A pobreza menstrual afeta principalmente os países do Sul Global, que é onde a pobreza mundial é concentrada. Os impactos podem ser diversos, “a pobreza menstrual pode resultar ainda em sofrimentos emocionais que dificultam o desenvolvimento de uma mulher adulta com seus potenciais plenamente explorados (UNICEF, 2021, p. 26)”.

As calcinhas são parte desse universo vermelho, que envolve a menstruação, são o suporte para alguns dispositivos menstruais, como os paninhos, os absorventes ecológicos e descartáveis, sacolas, papéis higiênicos, jornais, entre outros. Já na instalação *Travessia* (fig. 64-65), reuni alguns desses dispositivos usados por pessoas que menstruam ao longo de seus ciclos. Ficou faltando alguns, como o miolo de pão, roupas velhas, as calcinhas absorventes, o disco menstrual, o absorvente ecológico e os jornais. Os dispositivos são usados de diversas maneiras, alguns que ficam sobre a calcinha e outros que ficam localizados dentro do canal vaginal.

Figura 64 – *Travessia*, instalação, 2023.



Fonte: Própria.

Como já sinalizei, a pobreza menstrual faz com que pessoas que menstruam se utilizem de qualquer coisa para conter o fluxo. A saúde do corpo, muitas vezes, é comprometida por falta de uma higiene adequada, já que nem todas as pessoas possuem acesso à água, a banheiros e ao saneamento básico. O manejo adequado da menstruação nem sempre cabe no orçamento das famílias mais pobres, ou o Estado não se responsabiliza pela qualidade de vida e o bem-estar de alguns corpos. Muitas mulheres cis que se encontram em situação carcerária usam o miolo de pão dentro do canal vaginal, e isso provoca serias infecções. Esse também é o caso de

pessoas que vivem nas ruas e que não têm acesso a banheiros. Segundo a UNICEF (2021, p. 11), a falta de higiene adequada pode causar “alergia e irritação da pele e mucosas, infecções urogenitais, como a cistite e a candidíase, e até uma condição que pode levar à morte, conhecida como Síndrome do Choque Tóxico”. A passagem do tempo leva à melhoria na qualidade dos dispositivos menstruais, porém, o acesso tem que ser fomentado por políticas públicas eficazes que entendam as interseccionalidades que permeiam os corpos e suas condições no mundo.

Figura 65 – *Travessia*, instalação, 2023.



Fonte: Própria.

Algumas ações não governamentais são realizadas para combater a pobreza menstrual, porém, como abordado no primeiro capítulo deste livro, a tríade, modernidade, colonialismo e capitalismo, possui muita força em toda a América Latina, criando mecanismos e situações de vulnerabilidade e violência para muitas pessoas. Assim, as obras *Travessia* e *Passagem* (fig. 66) ficaram expostas na mesma parede, a fim de criar um diálogo entre elas. Acredito que é extremamente importante falarmos sobre as diversidades de dispositivos usados pelas mulheres cis, pois falar disso é falar sobre a realidade de um País desigual, classista, racista, misógino e machista.

Figura 66 - Parede com as obras *Travessia*, instalação, 2023. *Passagem*, instalação, 2022.



Fonte: Própria.

Figura 67 – Parede com as obras *Primeira pessoa*, pintura, 2022 – 2023, e *Travessia*, instalação, 2022.



Fonte: Própria.

Como se pode perceber, nessa mostra final, remontei alguns trabalhos que foram apresentados nos capítulos anteriores, mas, atendendo melhor à visualidade da expografia, eles aqui foram mostrados novamente.

Chego ao final deste livro com a sensação de que é difícil produzir artisticamente, e, muitas vezes, os trabalhos vão ficando guardados, entulhados dentro de caixas, envelopes, cabides, guarda-roupas, ateliês e perdem um pouco a vida. Para mim, produzir imagens só faz sentido quando elas estão em contato com outros olhos, outros corpos. Foi extremamente

importante montar essa exposição. Com ela, pude condensar os rumos da pesquisa, sentir e ver o que está funcionando e o que não está, e tentar mais uma vez. Monta de um jeito, arruma de outro, tira tais materiais, coloca outros, e assim vamos conjecturando, sentindo, nas produções das imagens. As obras que já tinham sido apresentadas aqui antes foram as: *Encarne-mo-los pelos tecidos* (fig. 7, 8, 9, 10), *Ninhos* (fig. 33), *As purezas da mulher* (fig. 21, 22), *Tramas e confrontos* (fig. 27, 28) e a *A boca do mundo* (fig. 25).

Todas as obras foram montadas da mesma maneira que as apresentei anteriormente, menos a instalação *Ninhos* (fig. 68), que foi motivo de muita angústia quando montada para a exposição *Ecoa em nós*. Existia alguma coisa que eu não gostava, que não dava certo. Resolvi remontá-la de outra maneira, fixada na parede e deixando o cenário o menos poluído possível.

Figura 68 – *Ninhos*, instalação, 2021.



Fonte: Própria.

Figura 69 – *Ninhos*, instalação, 2021.



Fonte: Própria.

Hesitei em falar e montar essas obras por achar que elas poderiam ser repetitivas em algumas questões, mas compreendi, ao longo do percurso, que o processo de pesquisa em arte é justamente isso: criar o invisível, materializar, por meio das imagens, questões que me permeiam. Sim, a arte caminha em fluxos e refluxos, como diz a minha orientadora. Abrir o processo de criação é tornar algumas questões vulneráveis, mas entendendo as potencialidades do caminho. Não sei se montarei as obras da mesma maneira nas próximas vezes, mas sei que

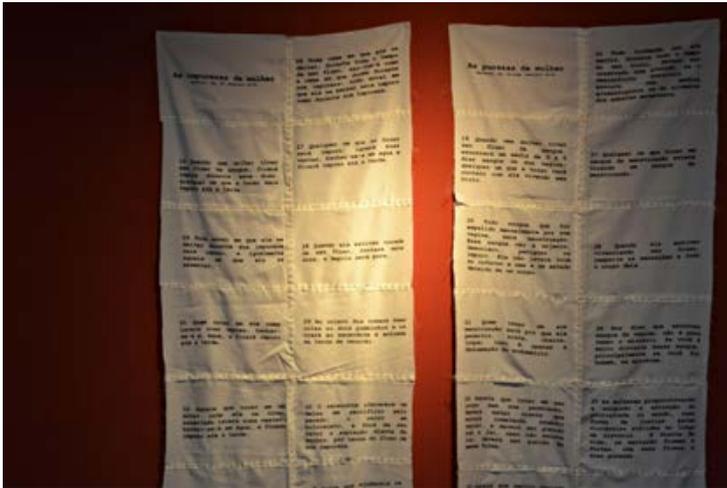
o resultado de toda a montagem de “Transbordar em frestas” me fez uma artista/pesquisadora/educadora feliz. Não queria finalizar a pesquisa. O fluxo da escrita foi uma das coisas mais loucas que pude viver ao longo desse ciclo. Escrevi esse livro com dor, sangrando, muitas vezes sorrindo, com raiva, com uma angústia organizacional de como sairia este último capítulo. Não há fim, assim como as menstruações. O ciclo menstrual é orgânico, assim como o processo de criação.

Figura 70 – *As purezas da mulher*, instalação, 2019.



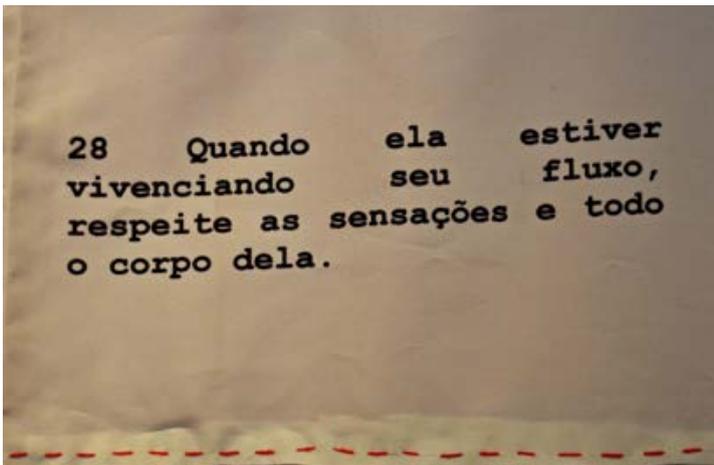
Fonte: Própria.

Figura 71 – *As purezas da mulher*, instalação, 2019.



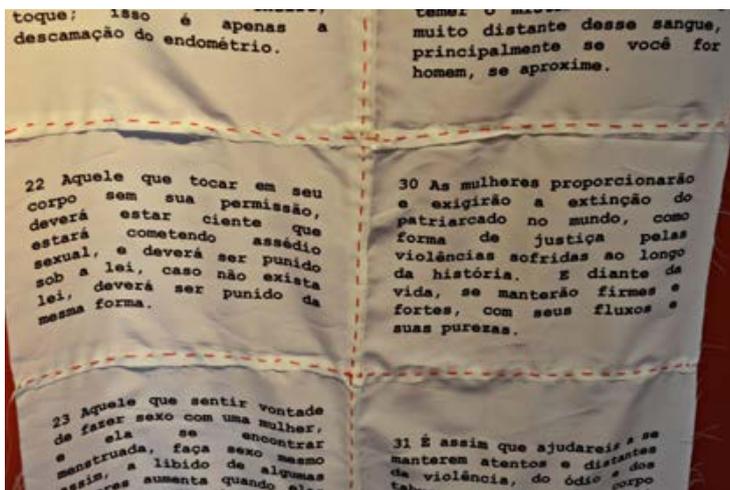
Fonte: Própria.

Figura 72 – *As purezas da mulher*, instalação, 2019.



Fonte: Própria.

Figura 73 – *As purezas da mulher*, instalação, 2019.



Fonte: Própria.

Figura 74 – Exposição *Transbordar em frestas*, 2023.



Fonte: Própria.

Figura 75 – Exposição *Transbordar em frestas*, 2023.



Fonte: Própria.

Figura 76 – *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020 – 2021.



Fonte: Própria.

Figura 77 – Parede com as obras *Encarnemo-los pelos tecidos*, instalação, 2017, e *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020 – 2021.



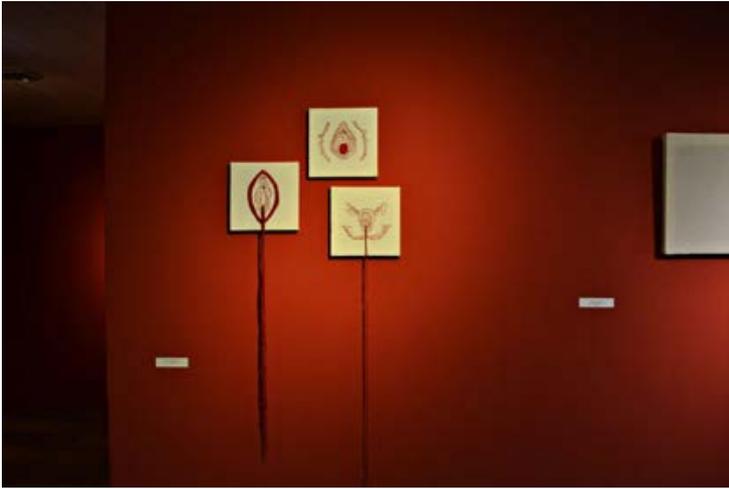
Fonte: Própria.

Como ilustram essas últimas imagens, trabalhar na curadoria, na montagem e na expografia da exposição me fez ter um distanciamento breve do processo criativo delas. Fez-me olhar e perceber as fragmentações do meu corpo em diversos momentos. Nas obras desta exposição, quis dissolver a visão misógina e machista que temos acerca da menstruação, construindo a possibilidade de discussões com vários corpos. O meu corpo fragmentado que virou obra, que se misturou com obras, que viraram imagens. Entre várias limitações, pude problematizar o uso do corpo como um dispositivo político, social e cultural, que é capaz de “tragar” noções de gênero e sexualidade no Brasil e na América Latina.

A necessidade de organizar trabalhos e falar sobre eles no mundo em que a menstruação é apresentada, cotidianamente, por meio de estereótipos violentos e preconceituosos, cria oportunidades de tensionar estruturas violentas. A realidade é que as mulheres ainda vivem em um mundo injusto cheio de invisibilidade e julgamentos. É a partir dessas reflexões que a obra *eu, tu, nós* (fig. 78) nasce, como uma instalação feita com bordados sob uma tela de 30 cm x 30 cm. A obra é criada a partir de imagens da vulva e da vagina encontradas em livros de ciência. O tríptico foi exposto pela primeira vez, em 2022, na exposição *Vida e Obra de Viga Gordilho*, no Museu de Arte da Bahia, Salvador, BA. A obra ficou em uma sala só de orientandos da referida artista e professora.

Os fios escorrem de tela abaixo, assim como a menstruação escorre do canal vaginal abaixo. As obras em bordados apresentadas abaixo ficaram na mesma parede onde possui o nome, e a *release* da exposição *eu, tu, nós* se encontra ao lado da obra *A boca do mundo* (fig. 80), trazendo uma leveza para a exposição. Todo rio escorre e corre, e todas as menstruações também.

Figura 78 - *eu, tu, nós*, instalação, 2022.



Fonte: Própria.

Figura 79 - *eu, tu, nós*, instalação, 2022.



Fonte: Própria.

Figura 80 – *Parede com as obras eu, tu, nós, instalação, 2022, e A boca do mundo, instalação, 2020.*



Fonte: Própria.

Figura 81 – *Encarnemo-los pelos tecidos, instalação, 2017.*



Fonte: Própria.

Figura 82 – *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020 – 2021.



Fonte: Própria.

Figura 83 – *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020 – 2021.



Fonte: Própria.

Figura 84 – *Tramas e confrontos*, fotografia, 2020-2021.



Fonte: Própria.

## FINAL DE UM CICLO

Olho-me no espelho e penso no fluir que é a vida. Na invocação da palavra e no movimento que é matar e criar imagens. Este trabalho passou pela densidade da pandemia da covid-19 e, até hoje, penso na póiesis e no grande ensaio poético e de vida que foi realizar esta pesquisa de mestrado nesses tempos viscerais. Eu fui muitas. Escrevi como muitas. Criei obras como muitas. Eu fui muitas. Entre a prosa, o desespero, o aproximar-me de mim, os processos biológicos e as fertilidades passageiras. Fui ao meu avesso, aproximei-me das questões decoloniais e das afetações territoriais, históricas e artísticas que compõem a América Latina, grande território que me inspira a pensar novas rotas de composição de vida. Traçar, cruzar, conectar, são muitas coisas dentro do termo mulher. Compor um novo corpo de mulher. Destruir a mulher submissa. Olhar com carinho para esse corpo/casa que me abriga. Eu estou aqui, sangrando singularidades artísticas e ativistas de menstruações, por meio das inúmeras ações que compõem este texto-obra e esta obra-texto. Chegar

nesta parte da escrita vai além de querer concluir sobre algo. Não quero conclusões. Quero apenas finalizar este ciclo e esperar pelo próximo, que já está fluindo... Quis sair do individual e abarcar o coletivo, traçando ramificações entre minhas produções e das artistas contemporâneas que tanto admiro, como é o caso da Efficymia, Maria Evelia Marmolejo, Ana Mendieta e tantas outras. Acredito que as criações artísticas que se utilizam de menstruações foram grandes sementes potencializadoras de discussões sobre o corpo, como também são responsáveis pelo desmantelamento e questionamento das estruturas patriarcais e misóginas.

Esta trama me levou ao centro do meu útero e me fez viajar pelas trompas. O caminho foi longo, e a vagina é um buraco fértil. Então, pode-se dizer que a vulva é esse conjunto habitacional de transgressões vermelhas. A arte muda de cor de acordo com o seu tempo. A sinfonia deste século, certamente, está iluminada pela luz trazida por discussões sobre questões de gênero, sobre questões do feminismo e do feminino, e sobre questões sexuais. A América

Latina é esse grande corpo territorial que desloca os padrões estéticos, politiza o social, retrata e desafia os estereótipos e os tabus, e convida as subalternas para o centro. O corpo e a menstruação foram investigados aqui de forma ampla, dialogando com a biologia e a ciência, com os ritos de passagem, com o resgate das minhas memórias de infância e das histórias familiares. Isso significou produzir obras experimentais na qual a menstruação invade a rua, as telas, as galerias, os consultórios médicos, em formatos de instalações, performances, bordados, fotografias e pinturas. De fato, a pesquisa foi ampla com a sensação de não querer parar de escrever e de produzir imagens, diria até intensa, por ter movido questões íntimas dentro de mim, proporcionando transformações e organizações pessoais de autorrepresentação do meu corpo e das minhas histórias. Posicionei, historiograficamente, as referências teóricas e artísticas em mulheres que exploram e abordam o feminismo como tema central de suas produções, pois acredito que mulheres têm que falar de/sobre mulheres, pois só assim desnormalizaremos a cultura patriarcal de organizar

o mundo. A menstruação foi socializada pela cultura ocidental como algo nojento e impuro, uma substância líquida vista com repugnância e tabu. Acredito que este trabalho vem justamente na contramão dessa lógica, apontando para o conhecimento, a naturalização, as diferenças físicas, psicológicas, corporais e sociais que circundam os corpos que menstruam. Eles se armam com ódio e desprezo, e nós, com a ebulição da politização social do corpo!

Houve corpo fragmentado, medos e vulvas/ vaginas reveladas, fertilizações controladas, dados e úteros inspecionados, pobreza menstrual escancarada, vergonhas transformadas, desejos emancipatórios, histórias ainda para serem contadas. Eu fluí no tempo do sangrar. Olho-me no espelho, bebo meu próprio sangue, escorro em travessias e transbordo na minha própria fresta. Ela é a mulher de vermelho.

## REFERÊNCIAS

**ABSORVENTES DESCARTÁVEIS, VIDAS DESCARTÁVEIS.** Korui. Disponível em: <<https://korui.com.br/absorventes-descartaveis-vidas-descartaveis/#:~:text=Absorventes%20descart%C3%A1veis%20come%C3%A7aram%20a%20encher%20lix%C3%B5es%20em%20toda,de%2010.000%20absorventes%20e%20gera%20150kg%20de%20lixo.>> Acesso em: 29 abr. 2022.

ANGELES, Eva Valadez. **Menstruartivismo: una herramienta para la agencia de las mujeres menstruantes / Eva Valadez Angeles.**-- 1a. ed.-- Tuxtla Gutiérrez, Chiapas: Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, 2019.

BIOCOR. **As Mulheres Modernas e o ciclo Menstrual: Mitos e Verdades.** Disponível em: <<https://www.biocor.com.br/as-mulheres-modernas-e-o-ciclo-menstrual-mitos-e-verdades>> Acesso em: 27 abr. 2022.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia. **50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile.** 1ª. ed., 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2019.

BORDIN, Vanessa Benites. Artivismo - borrando fronteiras entre vida e arte. **Zona de Impacto.** ISSN 1982-9108. ANO 17, Volume 2 - julho/dezembro, 2015. pp - 126-135.

COSTA, Maria Alice. COELHO, Naiara. A(R)Tivismo Feminista – Intersecções Entre Arte, Política e Feminismo. *Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*. Vol. 20, nº 2, 2018. 25-49.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

EFFYMIA, **NUNCA SERAS MUJER**, Disponível em: <<http://nuncaserasmujer.blogspot.com/>> Acesso em: 29 abr. 2022.

FAJARDO-HILL, Cecília. GIUNTA, Andrea. **Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985**. Curadoria e textos: Cecilia Fajardo-Hill, Andrea Giunta. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GASPERINI, M. I. P. . Sangue e sexo Menstruação e comportamento sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2020. DOI: 10.35919/rbsh.v10i2.666. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/666](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/666). Acesso em: 24 fev. 2023.

LUCINDA, Elisa. **Aviso da lua que menstrua**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/elisa-lucinda/803356/>> Acesso em: 04 abr. 2022.

MAFFIA, Diana. Socialismo y liberalismo en la teoría política contemporánea. In: BORON, A. (Comp.). **Filosofía política contemporánea**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2004. p. 173-177.

MARTÍN, Pabla Pérez San. 2015. **Manual Introductorio a la Ginecología Natural**. Buenos Aires: Melisa Wortman Moreno. 361 p.

MATRICARDI, Maria Eugênia. **Pintura Corporal de Guerra**. Disponível em: <<http://mariaeugeniamatricardi.com/pintura-corporal-de-guerra---2009.html>> Acesso em: 26 abr. 2022.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. **Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental**. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e os autores, 2020.

MOURA, Renata. Plantar a Lua: o polêmico ritual com sangue de menstruação. **BBC News Brasil** em Londres. 26 junho de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48745162>> Acesso em: 8 abr. 2022.

NEUENFELDT, Elaine. Menstruação, Parto E Impureza No Levítico: Controle De Corpos E Líquidos Das Mulheres. **Estudos Bíblicos**, vol. 66, 2000, p. 29-35.

NÁCUL, Andrea. SPRITZER, Poli. Aspectos atuais do diagnóstico e tratamento da endometriose. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, vol. 32, no 6, junho de 2010, p. 298-307.

OLIVEIRA, Ariane. **SUB)VERTER A ESCUTA PARA OLHAR: Arquivo como corpo poético de afetação**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

PAREDES, Julieta. **Temos que construir a utopia no dia a dia**. Entrevista concedida a Giulia Afiune, Anna Beatriz Anjo. Publica. sl, 15, maio de 2020.

PAREDES, Julieta. **Una sociedad en estado y con estado despatriarcalizador**. Cochabamba: Diciembre, 2011.

PEÑA, Julia Antivilo. **Arte feminista latinoamericano: rupturas de un arte político en la producción visual**. Tese (Doutorado) Facultad De Filosofia Y Humanidades – Escuela De Postgrado. Universidad De Chile. Santiago. 2013.

PORFÍRIO, Juliana. **A história do absorvente**. Disponível em: <<https://hysteria.etc.br/ler/a-historia-do-absorvente/>> Acesso em: 25 abr. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

RATTI, Claudia, AZZELLINI, Érica, BARRENSE, Heloísa. O Tabu da Menstruação Reforçado pelas Propagandas de Absorvente. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdiscipli-**

**nares da Comunicação** XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015.

ROMÃO, Luiza Sousa. **Sangria**= Sangría/ Luiza Sousa Romão;[-fotografia Sérgio Silva; tradução Martina Altalef]. – I.ed. – São Paulo: Edição do Autor: Selo do Barro, 2017.

SALA, Núria Calafell. “Menstruación decolonial”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e57907, 2020.

SEGATO, Rita Laura. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014.

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado**. Tradução de Kristin Lie Garrubo. – 1ª Ed. – São Paulo: Quadrinhos da Cia, 2018.

UNICEF. UNFPA. **Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos**. 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/pobreza-menstrual-no-brasil-desigualdade-e-violacoes-de-direitos>> Acesso em: 14 de abr 2022.

WOLF, Naomi. **Vagina: Uma Biografia**; [traduzido por Renata S. laureano]. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

WONS, Leticia. **“Introduzindo o primeiro produto menstrual que não absorve nada”**: coletores menstruais e transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação. Dissertação (Mes-

trado) - Universidade Federal da Bahia - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador, 2019. 165 f.: il.

TARZIBACHI, Eugenia. Menstruar también es político. Bordes, Noviembre de 2017- enero de 2018. **Revista de política, Derecho y sociedad**. ISSN 2524-9290.





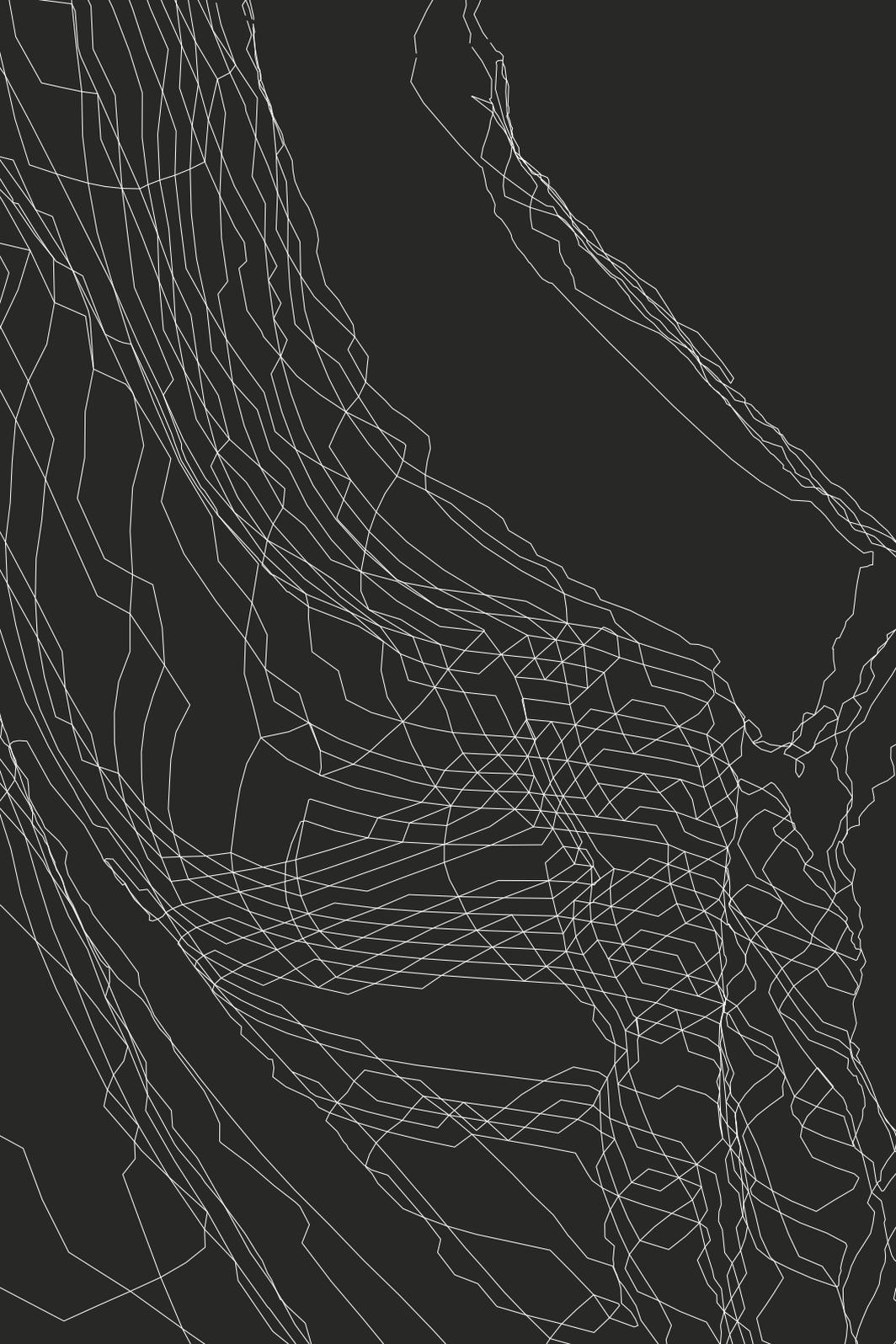
Este livro foi composto nas tipografias Book Antiqua e Source Sans/Code.  
Miolo impresso em papel Pólen Soft 80 g/m<sup>2</sup>, capa em  
Cartão Triplex 250 g/m<sup>2</sup>. Impresso pela Gráfica LCR.





Williana Silva (Cearense) é artista, educadora, pesquisadora e produtora cultural. Doutoranda em Artes pela Unesp, mestra em Artes Visuais pela UFBA e graduada em Artes Visuais pela URCA, sua pesquisa transita entre corpo, gênero, sexualidade e feminismo, explorando essas temáticas por meio da performance, instalação, vídeo-arte, bordado, fotografia e intervenção urbana. Participou de exposições e festivais no Brasil e no exterior, incluindo a individual *O Nó de Nós* (Quebrada Cultural, 2025) e as coletivas *Trançar Cipós de Tempos para Erguer o Agora* (Centro Cultural Banco do Nordeste - Juazeiro do Norte, 2025), *Cansação em Flor* (MAC-CE, 2024), *SE ARAR* (Pinacoteca-CE, 2022-2023) e *Nosotras Estamos en Calle* (Lima, Peru, 2022).





# Territórios de Criação

Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

A Editora da Uece acredita no poder da arte e da cultura como direitos básicos do ser humano. Por isso, tem investido na publicação de obras que disseminam as riquezas do pensamento e da criação artística do Ceará e, para permitir cada vez mais o acesso e a difusão desses temas, criou, em parceria com a Secretaria da Cultura do Ceará, o selo Arte, Cultura e Conhecimento. Agora celebramos a publicação da coleção Territórios de Criação, com vinte estudos sobre arte e cultura, selecionados por meio de edital, para que essas vozes do sonho, da diversidade, das identidades, dos encantos, do hoje e das tradições sejam preservadas e difundidas.

Cleudene Aragão  
*Diretora da Editora da UECE*



SECRETARIA

DE



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Tinha Gostava (Lei Complementar n. 135/2022)



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
CULTURA E PATRIMÔNIO